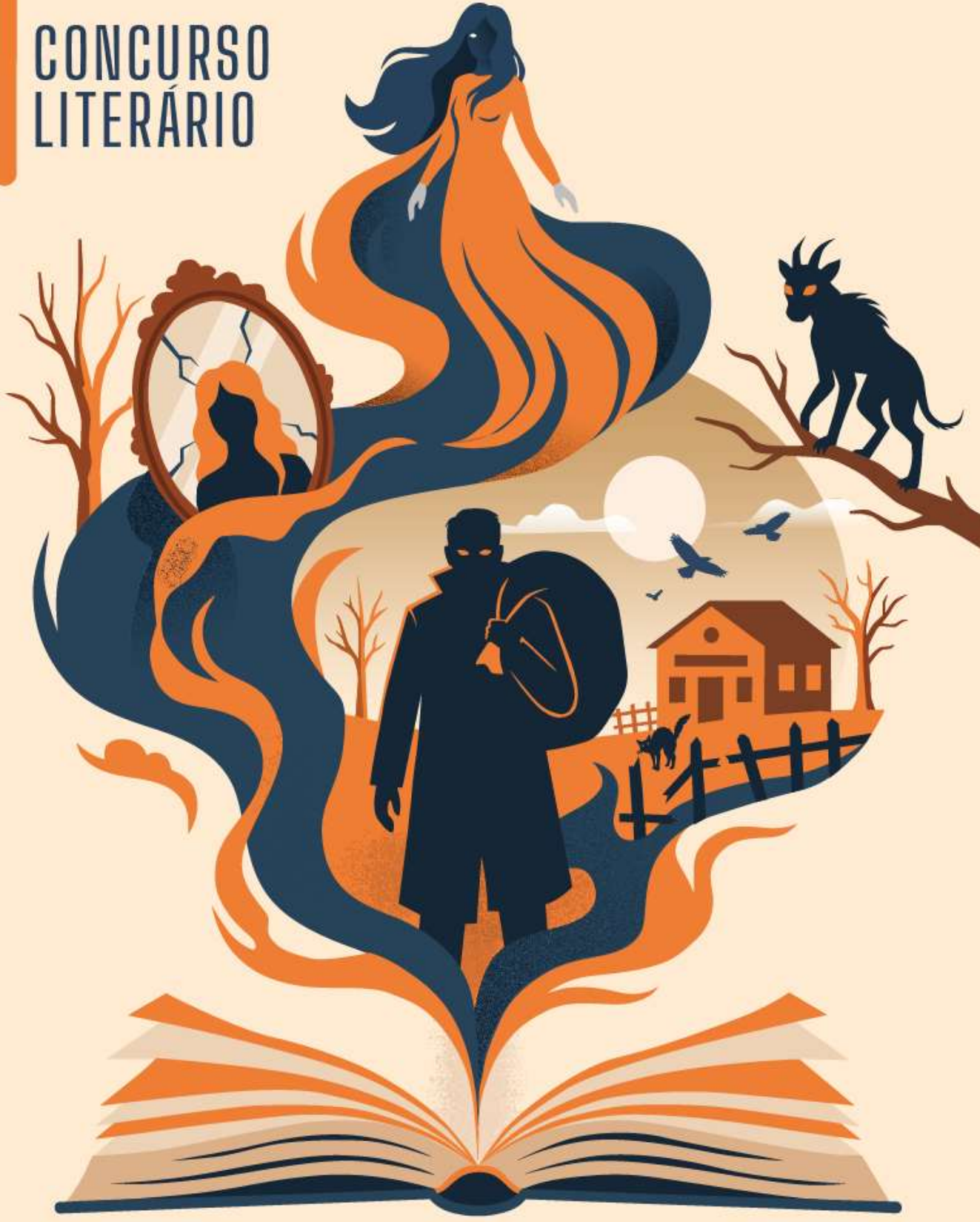
8º CONCURSO LITERÁRIO



LENDAS URBANAS

Dizem por aí... Escreva por aqui.

Sua história pode virar lenda. Participe!

Senac Santa Catarina

Coletânea do VIII Concurso Literário Senac SC

Organizadores:
Marcelo Cavaglieri
Luiza Turnes

Florianópolis
2026



Senac Administração Regional em Santa Catarina
Fecomércio/SC | Helio Dagnoni - Presidente
Senac/SC | Fabiano Battisti Archer - Diretor Regional
Diretoria de Educação Profissional | Renata Rubik - Diretora

ISBN 978-85-67932-27-9

C694

Coletânea do VIII Concurso Literário Senac SC [recurso eletrônico] / Organizadores: Marcelo Cavaglieri; Luiza Turnes. – Florianópolis, SC:
Senac SC, 2026.

97 p. : il., color.

Disponível também em formato de e-book.
ISBN: 978-85-67932-27-9

1. Concurso Literário. 2. Lenda Urbana. 3. Educação superior. I. Cavaglieri, Marcelo. II. Turnes, Luiza. IV. Título

CDD: 869

Ficha catalográfica elaborada por Marcelo Cavaglieri CRB 14/1094

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **7**
Dizem que toda biblioteca guarda histórias que ninguém escreveu **8**
Talia Urbano 8
O eco das correntes **11**
Anderson Lemos Ribeiro 11
O Último áudio da sala 17 ..... **13**
Júlia Medeiros 13
Não olhe **15**
Sara Warmling de Oliveira 15
A boneca **16**
Rafaela Reinert Borges 16
O demônio do corredor vermelho **17**
Arthur Furtado Carvalho 17
Querida, doce herança **19**
Vitória Pedrini Knihs 19
Gravidez interrompida **21**
Milena Maia de Lima 21
A luz da estrada do Monge **23**
Samuel Gálatas Ribeiro 23
A escola das freiras **25**
Isadora de Mattos Queiroz 25
O último trem da Aurora **27**
Sebastian Andres Aguilera Molina 27
A costureira da Rua Sete **29**
Guilherme Lucas 29
O rastro de ouro na soleira **31**
Julia Zancanaro dos Santos 31
A capela abandonada **33**
Gabriel Henrique Pozzo Roegelin 33
O último raio **36**
Bernardo Schmidt Antunes 36
O homem que rouba almas **39**
Heily Hernandez Batista 39
A cidade que esquecia as pessoas **41**
Ana Clara De Almeida Esmite 41
O último sinal do edifício Minerva **43**
Julia Alves de Macedo 43
O guardião **45**
Glorgia Barbosa de Lima de Farias 45

A lenda do Mané da Ilha **47**
Gabriel dos Passos 47
Entre arranha-céus **49**
Rubia dos Santos Pilla 49
O último passageiro **51**
Manoelly Brasil da Silva 51
A mula sem cabeça **52**
Matheus de Andrade Silva Reis 52
Não escute **53**
Aniely Beatriz Belo Cardoso 53
O eco de 1984 ..... **55**
Rafaela Freitas Barroso 55
A última mensagem **57**
Ana Clara Ribeiro Moquatt 57
A menina das cartas **59**
Eduarda Ramos Grave 59
A voz da madrugada **62**
Karine Silva de Oliveira 62
O lobisomem do interior **64**
Hyan Gonçalves Rodrigues 64
A mão sangrenta **67**
Luis Gustavo Naiate Jahn 67
Sentimentos **69**
Suélen Marques de Moraes 69
Santa Maria **71**
Gabriel de Quadra Alves Pereira 71
A lenda do sétimo arco **73**
Maria Luiza Marcon Domingos 73
O sino das 18h **75**
Vitor Hugo Longen 75
Você vai deixar a janela aberta? **76**
Naiara Weiss Machado 76
Dia de los muertos – A última vela **78**
Heloisa Vitória Smolski 78
Depois da cortina **80**
Stefani Mendonça 80
Nunca entre **82**
Cauê Henrique Muller 82
A lenda do Quebra-Membros **85**
Felippe Gabriel Bazzotti 85
Caminhada fantasma **87**

Victor Bondan.....87
A voz que veio depois.....90
Raíssa Carara Gomes.....90
A menina da estrada 92
Elâyne Gabrielly Silva Marinho.....92
A rua dos relógios parados 94
Melquisedeque Oceano Cardoso de Souza.....92
O restaurante.....94
Amanda Eduarda Scatolim.....95

APRESENTAÇÃO

O VIII Concurso Literário, promovido pela Rede de Bibliotecas Senac/SC, alcançou um recorde histórico: 1.268 inscrições. Um resultado que só foi possível graças ao trabalho excepcional de toda a equipe educacional e da Rede de Bibliotecas, que mobilizaram as Unidades e os estudantes para participar da iniciativa.

Com o objetivo de incentivar a leitura, a escrita e a expressão artística, o concurso deste ano teve como gênero literário a lenda urbana, um território onde o real e o fantástico se encontram e onde o medo coletivo vira narrativa. O tema livre permitiu que os participantes transformassem boatos, memórias de bairro, histórias de corredor e assombrações herdadas da tradição oral em literatura.

Para mobilizar os alunos, a equipe realizou 75 oficinas de escrita criativa, contemplando 84 turmas e beneficiando mais de 1.750 estudantes em todo o estado. Vale destacar que o valor dessas oficinas vai muito além do concurso: em um momento em que a inteligência artificial está cada vez mais presente no cotidiano dos alunos, incentivar a escrita autoral é reafirmar a capacidade de imaginar, criar e dar voz às próprias histórias. Cada aluno que participou saiu dessas experiências com mais conhecimento, confiança e repertório para escrever, pensar e se expressar.

Esta publicação reúne as três melhores lendas urbanas de cada unidade, totalizando 44 obras, que refletem a diversidade, a sensibilidade e a potência criativa dos nossos alunos. Cada texto aqui presente é um convite ao arrepio, à curiosidade e à reflexão sobre aquilo que nos assombra e nos fascina. Que esta coletânea seja uma celebração da palavra e um estímulo para que a leitura e a escrita continuem ocupando um espaço essencial na vida de todos nós.

Renata Rubik Maestri
Diretora de Educação Profissional
Senac/SC

Dizem que toda biblioteca guarda histórias que ninguém escreveu

Talia Urbano

Faculdade Senac Concórdia
1º lugar Concurso Literário Estadual

Na pequena cidade de Santa Aurora, havia uma biblioteca antiga, construída muito antes de a praça receber suas primeiras árvores. O prédio era simples, de paredes altas e janelas estreitas. Por fora, não chamava atenção. Por dentro, porém, escondia milhares de livros e um silêncio tão profundo que os moradores diziam ser possível ouvir o virar das páginas mesmo quando não havia ninguém lá.

A responsável pela biblioteca era Helena, uma bibliotecária conhecida por sua organização e pelo cuidado quase exagerado com o acervo. Sabia exatamente onde cada livro estava. Conhecia os títulos, os autores e até as pequenas marcas deixadas pelos leitores nas páginas. Certa tarde de inverno, enquanto organizava uma estante antiga, Helena encontrou um livro que não constava no catálogo.

Era pequeno, de capa azul-escura, sem título e sem nome de autor. A lombada estava gasta e havia uma etiqueta branca colada na parte inferior, como aquelas usadas para identificar os livros da biblioteca. Curiosa, Helena abriu a capa. Na primeira página havia apenas uma frase: “Para quem encontrar este livro, devolva-o antes que seja tarde”. Helena sorriu, pensando que algum antigo leitor havia feito uma brincadeira. Procurou no sistema pelo número da etiqueta, mas não encontrou nenhum registro.

Decidiu deixar o livro sobre sua mesa para verificar no dia seguinte. Na manhã seguinte, o livro havia desaparecido. Helena procurou por toda parte. Verificou as estantes, os carrinhos de devolução, as mesas de estudo e até o depósito. Nada.

Quando estava prestes a desistir, ouviu o som de um livro sendo colocado em uma estante, toc, depois outro toc, e outro toc. O som vinha do corredor mais antigo da biblioteca, uma área que raramente era utilizada. Helena caminhou até lá. Não havia ninguém. Mas, sobre uma das prateleiras, estava o livro azul. Ela o pegou novamente. Dessa vez, havia algo diferente. Na segunda página aparecia uma data escrita à mão. Era a data daquele dia. Helena sentiu um arrepio. Virou a página. Havia uma frase: “Hoje alguém esquecerá de ir embora”.

Naquela noite, por precaução, Helena fechou a biblioteca mais cedo. Conferiu todas as salas, apagou as luzes e trancou a porta principal. Antes de sair, porém, ouviu um barulho vindo do salão de leitura. Uma cadeira havia sido arrastada. Helena voltou. No centro da sala, uma única cadeira estava afastada da mesa. Sobre ela estava o livro azul. Helena abriu a capa com as mãos trêmulas. Na terceira página havia uma nova frase: “Amanhã será você”. Ela fechou o livro imediatamente. No dia seguinte, Helena decidiu contar tudo ao diretor da biblioteca. Ele ouviu a história em silêncio e, quando ela terminou, perguntou:

— Você tem certeza de que esse livro existe?

Helena colocou o livro sobre a mesa. O diretor ficou pálido.

— Onde você encontrou isso?

— Na estante antiga.

Ele não respondeu. Em vez disso, levantou-se e foi até um armário trancado. Depois de alguns minutos, voltou trazendo uma fotografia antiga. Na imagem aparecia uma mulher sentada atrás do balcão da biblioteca. Era uma bibliotecária. Helena reconheceu o rosto. Era ela. Ou, pelo menos, parecia ser ela.

— Quem é essa mulher? perguntou, assustada.

O diretor respirou fundo.

— O nome dela era Clara. Foi bibliotecária aqui há mais de quarenta anos. Desapareceu durante uma noite de trabalho. Nunca encontraram o corpo.

Helena olhou novamente para a fotografia. No colo de Clara havia um livro azul. Naquela noite, Helena não conseguiu dormir. No dia seguinte, voltou à biblioteca decidida a descobrir a verdade. Procurou documentos antigos, atas, registros de empréstimos e jornais guardados no arquivo.

Encontrou uma notícia publicada quarenta anos antes: “Bibliotecária desaparece misteriosamente dentro da biblioteca municipal.” A última informação registrada dizia que Clara havia sido vista trabalhando sozinha depois do fechamento. Helena sentiu o coração acelerar. Foi então que percebeu uma anotação escrita no verso da fotografia: “Livro não devolvido: número 13.” Ela correu até o corredor antigo.

Contou as estantes, uma, duas, três, até chegar à décima terceira. Entre dois livros antigos havia um espaço vazio. Helena colocou a mão no local. O livro azul estava ali. Ela o retirou lentamente. Na última página havia apenas uma frase: “Agora você sabe onde me encontrar”. As luzes da biblioteca se apagaram. No escuro,

Helena ouviu o som de uma chave girando na porta. Depois, passos lentos. Aproximando-se.

Na manhã seguinte, os funcionários encontraram a biblioteca trancada por dentro. Helena havia desaparecido. Sobre o balcão estava o livro azul. Aberto na primeira página. Mas agora havia uma nova frase escrita abaixo da antiga: “Para quem encontrar este livro, devolva-o antes que seja tarde.” Desde então, os funcionários contam que, depois do fechamento, às vezes é possível ouvir duas mulheres caminhando entre as estantes. Uma delas pergunta:

— Você encontrou o livro? A outra responde:

— Ainda não.

E dizem que, quando alguém deixa um livro fora do lugar durante a noite, na manhã seguinte ele aparece na décima terceira estante. Sempre acompanhado de uma pequena etiqueta branca.

Com o nome do leitor que o deixou ali.

O eco das correntes

Anderson Lemos Ribeiro
Faculdade Senac Florianópolis
2º lugar Concurso Literário Estadual

A regra na cidade sempre foi clara: depois da meia-noite, ninguém pisa na rua do morro. Mas o ser humano tem uma mania irritante de achar que lenda de velho é só história para boi dormir. Foi o meu caso. Eu queria pagar de corajoso, provar que a ruína da velha igreja era só um amontoado de pedras esquecidas pelo mato, e que aquele papo de ouro roubado e padre assassinado não passava de invenção.

Errei feio.

Deixei meu carro um pouco mais afastado e fui a pé, espremido entre o paredão do morro e o mato alto que engolia a beirada da estrada. A noite estava escura de dar dó, daquelas em que parece que a lua foi apagada de propósito. O silêncio era tão pesado que o som do meu próprio tênis raspando no chão parecia um tiro. Olhei no visor do celular: 01:58.

Decidi esperar encostado nas pedras frias da ruína.

Às 2h em ponto, a temperatura na rua caiu de um jeito que me deu um calafrio na espinha. Não veio vento, não veio brisa; foi um gelo súbito que travou até a minha respiração.

E então, lá no fundo da estrada escura, o som começou.

Primeiro, um trote abafado, pesado, como cascos de cavalos colossais batendo com força no chão de terra. Segundos depois, o barulho metálico rasgou a calmaria: rodas de ferro maciço girando em alta velocidade, acompanhadas pelo arrastar estridente de correntes pesadas tinindo contra as pedras, cortando a escuridão na minha direção.

O meu coração parou na garganta. Não era som de bicho, não era eco da cidade. O barulho vinha crescendo numa velocidade absurda, rebatendo nas paredes do morro como se a cavalgada viesse em minha direção para me esmagar.

A rua inteira parecia tremer.

Lembrei da história na mesma hora: os saqueadores que invadiram o templo séculos atrás, que roubaram todo o ouro sagrado e, na maldade pura, enforcaram o padre no altar usando as correntes do próprio sacrário. Só que a carruagem que vinha

rasgando a treva não era dos bandidos. Era dele. Do padre, retornando noite após noite para o cenário do seu martírio, algemado àquela fúria eterna.

O som ensurdecedor estava a metros de mim, os cavalos pareciam respirar bem ali na minha orelha, a carruagem em disparada total…

E, de repente: um corte seco.

O barulho sumiu. Morreu num microssegundo.

Nenhum trote. Nenhum ferro. Nenhuma corrente. Apenas um silêncio sepulcral de matar a alma, engolindo o breu da ruína. Fiquei paralisado no escuro, sem coragem de piscar, sentindo o peso invisível de alguém me observando bem de perto, à espera do próximo tolo que ousar desafiar a noite.

O Último áudio da sala 17

Júlia Medeiros

Faculdade Senac Joinville
3º lugar Concurso Literário Estadual

Em uma escola de Joinville, existe uma sala que os alunos evitam ficar depois do último sinal. É a sala 17.

Dizem que alguns anos atrás, estudava nessa escola uma menina chamada Marina. Ela era quieta, gostava de desenhar e quase sempre ficava sozinha durante o intervalo.

Alguns alunos começaram a implicar com ela. Primeiro, eram só apelidos e risadas. Depois, começaram a esconder as coisas dela sem permissão e criar grupos para falar sobre ela. Marina nunca contou nada para os professores.

Mas uma coisa chamou a atenção de todos. Ela começou a gravar áudios no celular. Ela não mandava para ninguém, apenas gravava. Um dos áudios dizia: "Eu só queria que parassem." O último áudio foi gravado em uma quinta-feira, às 17h13, pouco antes de ela ir embora. Marina sofreu um acidente nesse dia. Depois disso, Marina não voltou mais à escola.

Ninguém falava muito sobre o assunto, e geralmente fingiam que nada havia acontecido. Os alunos que mais implicavam com ela continuaram estudando normalmente.

Um dia, começaram a receber os áudios de Marina. Um dos alunos recebeu uma mensagem de um número desconhecido às 17h13. Era um arquivo de voz. Quando apertou para ouvir, escutou só alguns segundos de silêncio. Depois, sua própria voz dizendo:

— Você lembra do que fez?

Ele apagou o áudio. No dia seguinte, recebeu outro. Dessa vez, a gravação parecia ter sido feita dentro da escola. Dava para ouvir o sinal tocando e passos vindo do corredor. Até que uma voz sussurrou:

— Sala 17.

Depois disso, vários alunos começaram a receber mensagens iguais. Cada um ouvia uma coisa diferente. Um escutava uma conversa que tinha tido sobre Marina. Outro ouvia sua própria risada. Outro ouvia o som de uma porta fechando.

Sempre 17h13.

Os alunos evitavam entrar na sala 17. Mas certo dia, um dos garotos decidiu entrar para provar que aquilo era mentira. Ele entrou sozinho. Poucos minutos depois, seu celular começou a gravar sem que ele tocasse na tela. Quando os amigos ouviram o arquivo, só tinha uma frase:

— Agora você sabe como é ficar sozinho.

A história se espalhou pela escola. Ninguém conseguiu descobrir de onde vinham os áudios.

Até hoje, existe uma regra entre os estudantes: se seu celular receber um áudio às 17h13, não escute. Porque dizem que, depois que você ouve, começa a perceber coisas estranhas. Uma cadeira que muda de lugar. Um desenho que aparece no seu caderno. Pessoas atrás de você quando o corredor está vazio. E, principalmente, uma menina parada no fundo da sala. Ela nunca fala. Só olha. E, quando você finalmente percebe quem ela é, seu celular vibra. Um novo áudio chegou. A duração é de apenas sete segundos. E a voz dessa vez não é da Marina. É a sua. Dizendo: “Eu também fiz parte disso.” Desde então, ninguém sabe o que realmente aconteceu naquela sala.

Mas, se a história é apenas uma lenda... por que alguns alunos ainda recebem um áudio à 17h13?

Não olhe

Sara Warmling de Oliveira
Faculdade Senac Blumenau

Substituindo um colega, que estava afastado, por estar de atestado após uma cirurgia de catarata, um segurança do Hospital Santa Luzia, localizado em Blumenau, teve que ficar com o turno da madrugada, monitorando as câmeras de segurança.

Depois da meia-noite, tudo ficava silencioso. Já não se ouviam mais ambulâncias ou passos apressados nos corredores. Os internados, na sua maioria dormiam, e as enfermeiras cochichavam entre si.

Foi por volta das 2h20 que algo estranho aconteceu. O elevador havia sido solicitado no térreo, mas não havia ninguém esperando por ele. A porta do elevador se abriu. Havia uma mulher. Ela era pálida, seus cabelos eram ralos e os ossos eram visíveis sob a pele. Seus olhos... Eles não existiam.

O elevador subiu, parou e abriu a porta no décimo terceiro andar. Arrastando os pés, ela foi ao final do corredor branco e bem iluminado. O segurança continuou olhando para o monitor, tentando ver para onde a mulher iria. Por um breve instante, todas as câmeras de segurança escureceram e ficaram silenciosas. Quando voltaram, a mulher havia sumido, mas havia algo diferente. A porta do quarto 1304 estava aberta. Ele aumentou o zoom e viu somente a cama vazia e as paredes brancas. Então, uma forma surgiu na tela. A mulher estava diante da câmera. Suas órbitas vazias o encaravam, e repentinamente, seus olhos começaram a arder, fazendo com que tudo ao seu redor não passasse de um borrão.

As câmeras voltaram ao normal pouco tempo depois, e a mulher havia desaparecido, mas a porta do quarto 1304 continuava aberta.

Dizem que, pela manhã, encontraram o segurança sentado diante dos monitores, com os olhos vermelhos e as mãos pressionadas contra o rosto. No hospital, os médicos não encontraram queimaduras, infecção ou qualquer lesão que explicasse a perda súbita da visão.

Depois de ser internado, o segurança, curioso, buscou entender o que havia acontecido. Após muitas conversas com enfermeiras antigas, descobriu que o quarto 1304, em toda sua existência, havia tido apenas uma paciente: uma mulher.

Muitos mistérios ainda rodeiam o hospital, mas uma coisa é certa: não olhe.

A boneca

Rafaela Reinert Borges
Faculdade Senac Blumenau

No interior de uma cidade, habitava uma família de costumes estranhos. Dentre eles, o mais questionado era a Boneca. A regra era clara: não a tire da cristaleira, não a toque. A filha da família, entretanto, nunca compreendeu tal regra.

Certo dia, a menina sonhou com uma linda criança, igualzinha à boneca. A criança apenas a observou com um olhar vazio, como se o medo e a angústia a tivessem consumido. A menina questionou quem era ela, mas não houve respostas.

Nas noites seguintes, ela continuou sonhando com aquela criança, que, a cada sonho, se aproximava mais e mais, em um silêncio ensurdecedor... Quando chegou perto o suficiente, a criança sussurrou: “Ajude-me, liberte-me”. Entretanto, a menina não fazia ideia de como ajudar, e então o sonho acabou.

Um dia se passou. Quando se deitou para dormir, esperava ver a criança, o que não foi o caso. Viu, porém, a cristaleira com a boneca. A menina não sabia o que fazer, então andou até ela, tentando tocá-la.

Então, acordou. O quarto estava escuro. Por alguns segundos, permaneceu imóvel, tentando compreender o que havia acontecido... até se lembrar da boneca. Ainda era escuro lá fora. Juntando sua coragem, caminhou até a cristaleira, a qual ficava no canto da sala de estar.

Assim que tocou na boneca, desmaiou. No dia seguinte, acordou em sua cama. Tudo parecia normal, quase cotidiano. Ela correu até a sala, mas a boneca havia sumido. Ao questionar os pais, eles não sabiam do que ela falava. “Nunca tivemos bonecas nesta casa”, disse a mãe.

A menina caminhou novamente até a cristaleira, questionando-se se os pais haviam mentido ou se era ela quem estava enlouquecendo.

O tempo passou, ela cresceu e se tornou mãe. Um dia, sua filha a questionou: “Onde está ela? O que você fez com a boneca?”

O demônio do corredor vermelho

Arthur Furtado Carvalho
Faculdade Senac Blumenau

No nosso mundo atual, existem coisas que acontecem sem explicação, eventos que muitos temem, e visões que não querem explicar. No dia a dia, as pessoas ignoram isso e dão de ombros, mas principalmente os antigos reconhecem e admitem isso como lendas urbanas, e hoje conheceremos uma delas, a lenda do diabo do corredor vermelho.

Há algum tempo, um grupo de funcionários, com o objetivo de fazer a manutenção do esgoto, encontraram por acidente uma estrutura subterrânea suspeita, localizada ao lado do infame Teatro Carlos Gomes, em Blumenau.

Após investigar, descobriram que eram túneis secretos. Imediatamente, várias pessoas bolaram teorias, dizendo que eram obras dos nazistas da época da Segunda Guerra Mundial, e que o túnel seria usado como caminho para Hitler fazer um discurso público na cidade após sua vitória na Segunda Guerra Mundial, enquanto outros diziam que era um túnel feito para reuniões e encontros secretos de padres e freiras.

Além dessas duas teorias, existiam milhares de outras que eram espalhadas pelas pessoas, mas isso chegou a um fim quando a prefeitura enviou um grupo de expedição para investigar essa misteriosa estrutura subterrânea.

Não demorou muito para surgirem respostas. De acordo com o grupo, os túneis eram, na verdade, um canal subterrâneo de água, que prevenia alagamentos. O povo engoliu isso e seguiu suas vidas acreditando nessa resposta.

Porém, um grupo de jovens que tinham ideais nazistas passaram a frequentar o túnel depois que as teorias se espalharam. Eles iam lá quase toda a noite, e quase sempre, eles se trombavam com um funcionário e tinham que sair do local, isso se tornou uma espécie de rotina na vida deles e dos funcionários. Em uma noite como qualquer outra, a história se repetia, mas o problema era que um novo funcionário foi sozinho ao túnel naquela noite. O único problema era que o senhor era judeu.

Isso fez os ideais nazistas e preconceituosos dos jovens pulsarem de raiva e desgosto. Em questão de segundos, a situação brutal e triste: o sangue e os órgãos do senhor o senhor ficaram espalhados por toda entrada do túnel, e seu corpo estava quase irreconhecível.

Algum tempo depois do ocorrido, a obra foi interditada e o túnel selado, mas a fúria e o ódio de alguém injustamente morto eram poderosos demais para serem contidos.

O túnel sempre aparecia aberto e, cada vez que iam ver a situação dele internamente, sentiam um enorme calafrio, dizem que aqueles que adentram o túnel e perturbam a pobre alma do senhor, têm como última visão um literal demônio, de pele avermelhada e um par de chifres, além de dentes, garras e uma postura bestial, ele corria pelo túnel estreito como uma besta sob quatro patas, alcançava e destroçava suas vítimas, e como último ato característico, espalhava o sangue e os órgãos dela por todo o túnel.

Dizem que até hoje o demônio vaga pelo túnel esperando por aqueles jovens. E eu deixo essa frase como um aviso, se você valoriza sua vida e a de seus entes queridos, nunca visite o túnel de madrugada...

Querida, doce herança

Vitória Pedrini Knihs
Senac Brusque

Oi, meu nome é Lucas. Hoje é meu aniversário de 15 anos. Não teve festa, bolo ou presentes. Mas hoje, recebi minha tão esperada relíquia de família, minha herança por direito de sangue. Um desejo que pulsa em mim tanto quanto meu coração.

Estou sentado em um banquinho de madeira. As árvores, bem devagarzinho, vão ficando mais nuas conforme as folhas marrons e amarelas caem. Não é o melhor lugar que poderia escolher, mas a Sra. Madalena não deixa as crianças irem muito longe. Precisa nos ver da sacada do orfanato, e eu queria uma privacidade quase impossível. Minha calça jeans está molhada, e já tem folhas no meu cabelo. Espero que você, como leitor, não esteja com pena. Com todo respeito, me poupe, meus pais estão vindo me buscar. Eles mesmos disseram, em uma carta.

Meu pai é um artista. O melhor, inclusive. Levando em conta a cidade pequena onde nasci, no entanto, é fácil pensar que é uma conquista fácil. Parece até que estou me vangloriando. Mas, prometo, ele estava à altura de Michelangelo. Fazia estátuas de madeira e mármore muito realistas, pintadas. Todos os monumentos da cidade foram obras únicas e lindas de meu pai. Ele petrificava seus amados em obra de em beleza; a estátua de minha mãe estava na praça central.

A cidade, todavia, não pensa assim. Existe uma lenda urbana, bem ultrapassada e irrealista se quer saber, de que o artista era um assassino. A lenda me destruiu. Não tenho amigos, e na escola, é difícil sair sem um arranhão. Mas não acredito. Segundo a lenda e os tão irritante burburinhos, meu pai tinha um relógio de bolso que não funcionava e que apontava eternamente para as 10h05. Uma ferramenta cujo objetivo era cessar o tempo das pessoas que meu pai moldava em pedra. Diziam que suas musas “morriam” congeladas para sempre.

Pensar nisso me dá ânsia. Olho para trás e vejo que a Sra. Madalena está escrevendo. Periodicamente, de canto de olho, me espiona por cima dos óculos de meia lua. Ela é uma senhora legal, se preocupa. Vou tentar visitá-la depois que meus pais vierem me buscar. Isso, claro, se eles não se sentirem enciumados. Ainda não abri a caixinha de presente ao meu lado. Respiro fundo.

Diziam que ele tinha uma obsessão, uma paixão em conservar seus amores. Pego a caixinha. O que tem de errado em querer preservar quem ama? O povo dessa cidade pequena de porcaria levou isso para o lado literal. Não quer dizer nada.

Escuto um barulho à minha esquerda. A calçada em que estou é um lugar bem aberto, com exceção de minha árvore quase nua. É fácil ver quem se aproxima. Gabriel. Um riquinho da minha escola, um riquinho que é um problema, inclusive. Ele ama a lenda urbana de meu pai. Olho para trás e percebo que minha sorte, como sempre, tende a me abandonar. A Sra. Madalena não está na sacada. Deve ter ido ao banheiro.

— O que é que tem aí, Lucas? diz Gabriel, um sorrisinho falso formando em seu rosto feio.

Ele é maior do que eu. Mais forte. Não foi um desafio me roubar minha caixinha de presente. Minha herança. Medo e raiva sobem na minha garganta, mas sou magro e doente. Não há muita resistência que eu consiga aplicar.

Gabriel me empurra, e do chão, agora com as calças ainda mais molhadas, o vejo abrir a caixinha que era para ser minha. Minha herança. Os minutos parecem levar horas. Sério mesmo, tem algo errado. Ele está olhando há muito tempo, com a mesma reação estampada na cara odiosa. Da mesma rápida maneira com que meu sangue acelerava, agora ele gela. Me levanto e fico à altura de Gabriel. Espio por dentro de minha caixinha de presente. Um relógio de bolso. 10h05. Estou eu também preso no tempo? Ou está apenas ele? Não acho que isso seria uma grande perda. Um nó fica em minha garganta. Admiro as folhas secas caindo. Elas chegam ao chão. — BOO! grita Gabriel. Ele estava apenas fingindo. Fingindo estar congelado.

Caio de bunda no chão com o berro. Minhas calças jeans estão encharcadas a este ponto. Meus olhos arregalados. O idiota ri muito. Ele joga a caixinha, com o presente ainda dentro, nas minhas pernas e vai embora. Me recupero do susto, quase acreditei na lenda urbana também. Respiro fundo e fico o resto do dia observando as folhas, garantindo que ainda estou no presente. Foi apenas um susto.

O que não notei foi que a Sra. Madalena, mesmo anoitecendo, não saiu do orfanato para me buscar. Acho que o tempo não para necessariamente para mim. O meu tempo para apenas para aqueles que ainda têm tempo de sobra. Gabriel me congelou quando jogou o relógio em mim, e meu pai me traiu. Queria eu apenas ter sido congelado perto de minha mãe, na praça central. Poderíamos nós dois observar as folhas que caem. Estou sozinho.

Gravidez interrompida

Milena Maia de Lima
Faculdade Senac Caçador

Todos sabem que antigamente o prédio do Senac Caçador era um convento de freiras, onde elas viviam sob votos de castidade e obediência, dedicando suas vidas totalmente ao serviço e à contemplação de Deus. O prédio do Senac tem três pisos e um sótão pequeno, que servia como dormitório para as freiras.

Porém, muita gente fala que algumas famílias antigas, de meninas que engravidavam cedo, mandavam essas meninas logo no começo da gravidez para ficar dentro do convento, e ninguém mais as via durante nove ou dez meses; após isso, as meninas saíam do convento sem nenhum bebê no colo, como se nada tivesse acontecido.

Atualmente, um antigo guarda noturno do Senac relatou alguns acontecimentos estranhos quando fechava o prédio à noite e apagava as luzes. Portas abriam sozinhas, torneiras se acionavam, barulhos estranhos e estalos sem explicação tomavam a gélida noite do Senac, o mais estranho é que isso acontecia apenas no último andar, o mais próximo do dormitório das freiras.

Certo dia, como relatou o guarda, cujo nome era Marcos, enquanto fechava o Senac mais uma vez, percebeu que a grade acima da escada (que dava acesso ao sótão) estava anormalmente aberta. Então, Marcos foi fechar a grade, e então lentamente subiu a escada e fechou.

Assim que Marcos virou as costas para a grade, as luzes piscaram por um momento e, um silêncio amedrontador se fez no breu do sótão. Esse silêncio era tão absoluto e contínuo que fez Marcos admirar-se e prestar muita atenção no que nele havia. De repente, ouviu-se um estalo. Marcos também ouviu um som familiar: lá de cima vinha o choro de um bebê, que parecia se esforçar muito para emitir aquele som.

O guarda, assustado, saiu correndo de lá sem olhar para trás, fechou apressado todo o prédio. À medida que ele se afastava, aquele choro amedrontador aumentava. Após o ocorrido, Marcos nunca mais pisou no terceiro andar e ordenou que o andar fosse totalmente fechado para sempre.

Algum tempo depois do acontecido, Marcos contou à polícia que algo não estava certo naquele sótão, então, decidido a provar a eles que sabia do que falava, mostrou o caminho para os policiais subirem até o sótão e sentir na pele o que Marcos viveu naquela noite.

Assim, os policiais fizeram o que ele pediu: subiram todos os andares do Senac e entraram no sótão para averiguar o local, porém, nada nele havia, era apenas um sótão comum que tinha um chão bem envelhecido e poeira.

No dia seguinte, os policiais contaram a Marcos que nada do que ele havia dito era verdade, que era apenas mais um sótão comum e nenhuma novidade havia sido encontrada. A reação de Marcos não foi nada positiva, ele poderia jurar pelo seu bem mais precioso que os relatos dele eram verdade, e que a noite quando tentava dormir, ainda ouvia o choro daquele pobre bebê.

Professores ainda dizem que alguns alunos conseguem ouvir um choro muito estranho vindo do andar de cima...

A luz da estrada do Monge

Samuel Gálatas Ribeiro
Faculdade Senac Caçador

Meu avô sempre gostava de contar histórias antigas quando a família se reunia nas noites frias aqui no interior de Caçador. Entre todas elas, a que mais me chamava atenção era a da Luz da Estrada do Monge.

Ele dizia que, muitos anos atrás, existia uma estrada de chão quase esquecida que passava por várias comunidades do interior. Durante o dia, era um lugar normal, mas, à noite, quase ninguém tinha coragem de passar por lá sozinho.

Segundo meu avô, em uma noite de inverno, ele estava voltando para casa a cavalo depois de ajudar um vizinho. A neblina estava tão forte que era difícil enxergar o caminho. Enquanto seguia pela estrada, ele percebeu uma luz amarela aparecendo no meio das árvores.

No começo, ele pensou que fosse alguém carregando uma lanterna. Mas logo percebeu que aquela luz era diferente. Ela não iluminava nada ao redor e parecia estar flutuando no ar. Mesmo achando estranho, ele ficou curioso e decidiu seguir a luz.

Conforme avançava pela estrada, tudo ao redor ficava cada vez mais silencioso. Não dava para ouvir os grilos, o vento ou qualquer outro som da mata. Era como se tudo tivesse parado.

A luz entrou em um pequeno bosque de araucárias. Meu avô desceu do cavalo e caminhou atrás dela. No centro do bosque, havia um poço de pedra muito antigo, que já estava abandonado havia anos. A luz ficou parada sobre o poço por alguns segundos e, de repente, desapareceu.

Na mesma hora, ele ouviu uma voz baixa e distante dizendo:

— Volte para casa.

Assustado, ele montou no cavalo e foi embora o mais rápido possível, sem olhar para trás.

No dia seguinte, contou o que tinha acontecido a alguns moradores mais velhos da região. Um deles disse que, muitos anos antes, um tropeiro havia desaparecido naquele mesmo lugar durante uma tempestade. Desde então, várias pessoas afirmavam ter visto a mesma luz.

Alguns acreditavam que era o espírito do tropeiro tentando avisar quem passava por ali. Outros diziam que era algo ainda mais antigo, uma presença misteriosa que existia naquela região muito antes das primeiras famílias chegarem.

Meu avô nunca descobriu o que realmente viu naquela noite. Mas ele sempre jurava que a voz era real. E toda vez que terminava a história, repetia a mesma frase:

“Se um dia você encontrar uma luz amarela flutuando no meio da neblina, não a siga. Algumas coisas aparecem para serem vistas, não para serem seguidas.”

Até hoje, quando a neblina cobre as estradas do interior de Caçador, eu lembro dessa história e me pergunto se a famosa Luz da Estrada do Monge realmente existe ou se é apenas mais uma das lendas que passam de geração em geração.

A escola das freiras

Isadora de Mattos Queiroz
Faculdade Senac Caçador

Há muitos anos, antes de virar faculdade, aquele prédio era uma escola comandada por freiras. Era um lugar antigo, com corredores compridos, salas grandes e um silêncio que deixava qualquer pessoa desconfortável.

As freiras eram bastante rígidas e faziam os alunos seguirem muitas regras. Mas existia uma coisa que sempre chamou a atenção: uma sala no segundo andar que permanecia trancada. Ninguém podia entrar e ninguém sabia o motivo.

Certa noite, uma das freiras desapareceu. As outras nunca contaram o que realmente aconteceu. Depois disso, começaram a surgir histórias de que, durante a madrugada, era possível ouvir passos pelos corredores e três batidas nas portas.

Anos se passaram e a escola acabou sendo fechada. Muito tempo depois, o prédio foi reformado e virou uma faculdade. No começo, ninguém dava importância para as histórias antigas.

Até que as coisas começaram a acontecer novamente.

Alguns alunos diziam que ouviam passos quando estavam sozinhos. Outros encontravam portas abertas que tinham certeza de ter deixado fechadas. Também havia relatos de luzes acendendo e apagando sem explicação.

Certa noite, uma estudante chamada Júlia ficou na biblioteca até mais tarde para terminar um trabalho. Quando estava indo embora, ouviu três batidas.

Ela olhou para o corredor, mas não viu ninguém. Continuou andando, tentando ignorar aquilo.

Então ouviu novamente.

As batidas vinham justamente da antiga sala das freiras.

Júlia se aproximou devagar e percebeu que a porta estava aberta. Ela entrou e encontrou apenas uma cadeira velha e um quadro coberto de poeira.

No quadro havia uma frase:

“Algumas histórias nunca desaparecem.”

De repente, a porta fechou sozinha.

Júlia tentou abrir, mas não conseguiu. Foi quando ouviu uma voz bem baixinha:

— Essa escola ainda é nossa…

As luzes começaram a piscar.

Quando tudo ficou normal, Júlia já estava na biblioteca, sentada em sua mesa. Ela não conseguia lembrar como tinha chegado ali.

Sobre o trabalho que estava fazendo havia uma fotografia antiga das freiras.

No verso da foto estava escrito:

“Vocês podem estudar aqui, mas nós ainda estamos aqui.”

Depois daquele dia, ninguém mais gostava de ficar sozinho no segundo andar.

E dizem que, quando a faculdade fica vazia, ainda é possível ouvir três batidas em alguma porta.

O último trem da Aurora

Sebastian Andres Aguilera Molina
Faculdade Senac Chapecó

Em Aurora, cidade cercada por morros, uma estação de trem ficou abandonada após um acidente em 2004. Naquela noite, um descarrilamento matou dezessete pessoas, entre elas Clara, uma menina de nove anos.

Sua mãe, Helena, nunca aceitou a perda. Passou meses esperando pela filha na estação, até sumir numa madrugada. O corpo dela nunca foi achado.

Anos depois, em 2026, Miguel, um jovem entregador, pedalava perto dos trilhos quando ouviu um apito.

Fuuuuuuuuuu...

Um trem antigo se aproximava, sem fazer barulho. Pelas janelas, passageiros imóveis. Só uma menina estava de pé, de vestido amarelo, segurando uma caixa vermelha.

Ao passar, ela perguntou:

— Você viu minha mãe?

No dia seguinte, Miguel contou tudo à avó. Ao descrever a menina, ela empalideceu.

— Clara...

À noite, Miguel voltou à estação. Entre duas tábuas, achou uma fotografia de Clara e Helena. No verso estava escrito: “Se eu não voltar, diga a ela que eu tentei.”

O apito soou de novo.

O trem apareceu, e Clara estava na porta.

— Minha mãe está aqui. Mas não consigo encontrá-la.

Miguel entrou e achou Helena no último vagão, chorando com uma foto da filha.

— Eu fiquei procurando você! disse ela.

Clara correu para seus braços.

As luzes se apagaram.

Quando Miguel abriu os olhos, estava sozinho. No chão, estava a caixa vermelha. Dentro, havia um brinquedo pequeno e uma foto das duas abraçadas. No verso, estava escrito: “Agora podemos ir.”

O trem nunca mais apareceu.

Miguel guardou a fotografia, mas nunca esqueceu as palavras de Clara:

— Obrigada por fazer minha mãe parar de esperar.

Hoje, os moradores avisam: se ouvir um apito nos trilhos depois da meia-noite, não procure o trem.

Feche os olhos.

Algumas despedidas só precisam de tempo.

A costureira da Rua Sete

Guilherme Lucas
Faculdade Senac Chapecó

Toda cidade pequena tem uma rua que os moradores mais antigos evitam citar pelo nome. Na nossa, essa rua é a Sete de Setembro, ou só “Rua Sete”, como todo mundo chama. Fica dois quarteirões atrás da igreja matriz, com um casarão de porta e janela sempre fechadas, e é sobre esse casarão que a história se conta.

Dizem que ali morou, há muitos anos, uma costureira chamada Dona Zulmira. Trabalhava dia e noite fazendo roupa de festa, vestido de noiva, terno de formatura. Era conhecida por nunca errar um ponto e por entregar tudo pronto antes do prazo, mesmo quando o pedido chegava em cima da hora. O problema é que, segundo contam, ela cobrava um preço que ninguém via: para cada encomenda entregue rápido demais, alguém da família do cliente morria dentro de um ano.

Ninguém sabe dizer se foi um incêndio, uma dívida ou o próprio desespero que fez Dona Zulmira morrer sozinha dentro de casa, ainda sentada à máquina de costura, com uma agulha na mão. O corpo, contam os mais velhos, só foi encontrado dias depois, porque ninguém ousava bater naquela porta.

De uns anos para cá, moradores da Rua Sete começaram a repetir uma história parecida. Quem passa a pé pela calçada do casarão depois da meia-noite, sozinho, sente uma linha fina roçar o tornozelo, como um fio puxado de longe. Na manhã seguinte, encontra uma costura estranha em alguma peça de roupa: uma barra que não estava desfiada, um botão trocado, uma dobra que não existia antes. Sempre um ponto só, feito à mão, cuja cor ninguém reconhece.

Foi o que aconteceu com o Marcelo, filho da dona do mercadinho da esquina. Ele voltava do plantão no posto de gasolina. Era quase uma da manhã, e resolveu cortar caminho pela Rua Sete porque estava atrasado. No meio do quarteirão, sentiu alguma coisa fina raspar de leve na perna, do jeito de quem passa por uma teia de aranha sem ver. Não parou. Contou depois que teve pressa de sair dali, sem saber bem o motivo.

No dia seguinte, ao vestir a camisa do uniforme, notou um ponto costurado bem no bolso do peito, fechando uma abertura que nunca tinha existido. A linha era cinza,

quase prateada, e não desmanchava por mais que puxasse. Ele riu, mostrou para os colegas, disse que devia ter sido a mãe. A mãe jurou que não tinha sido ela.

Três semanas depois, o avô de Marcelo, que morava na fazenda e nunca tinha ido à cidade naquele mês, passou mal de madrugada e não resistiu. No enterro, ninguém comentou nada sobre a Rua Sete, mas Marcelo reparou que a camisa que vestia, a mesma do ponto estranho, tinha o bolso completamente aberto de novo, como se a costura nunca tivesse existido.

De lá pra cá, quem mora perto do casarão faz questão de avisar os de fora: se for atravessar a Rua Sete de noite, atravesse rápido, sem parar, sem olhar para as janelas fechadas, e principalmente sem deixar a barra da calça arrastar no chão. Contam que é assim que a linha encontra por onde entrar.

Ninguém garante que a história seja verdade. Mas também ninguém, nesta cidade, atravessa a Rua Sete depois da meia-noite.

O rastro de ouro na soleira

Julia Zancanaro dos Santos
Faculdade Senac Chapecó

Nas ruas cobertas de árvores e silenciosas dos bairros mais nobres da cidade, onde os casarões ostentam jardins impecáveis e portões de ferro fundido, circula um boato sussurrado entre porteiros, vigias noturnos e moradores ao cair da tarde.

Dizem as vozes da vizinhança que, no momento exato em que os postes de iluminação pública tremeluzem e se acendem, surge entre as sombras a Fada Lilith, tida pelos relatos populares como a criatura mais hipnotizante e perigosa que já se escondeu na rotina urbana.

Quem afirma já tê-la visto de relance descreve um ser pequenino, do tamanho exato de uma caneta. Suas asas transparentes refratam a luz dos postes em reflexos vítreos como diamantes lapidados, e seus cabelos loiros reluzem feito fios de ouro puro. Contudo, o verdadeiro mistério reside em seu olhar: diz a crença local que qualquer pessoa que fite Lilith diretamente entra em um transe imediato.

A vítima fica completamente paralisada, incapaz de mover um único músculo ou emitir som, retida apenas na contemplação absorta daquela beleza irreal. Por trás de tamanha fascinação, no entanto, esconde-se um temperamento vaidoso e implacável. Entre os residentes antigos, consolidou-se um ritual rigoroso para garantir a tranquilidade das famílias: antes de trancar as portas para a noite, é indispensável depositar na soleira da entrada uma oferenda delicada.

Lilith exige pequenos mimos brilhantes, como um anel de valor, uma fita de cetim recém-cortada, um frasco minúsculo de perfume caro ou uma flor rara colhida ao entardecer. Quando a fada percorre as varandas e encontra o presente esperado, sopra um rastro de poeira dourada sobre a maçaneta. Na manhã seguinte, a residência amanhece tomada por um silêncio sereno e uma inexplicável atmosfera de sorte e prosperidade.

O perigo iminente se manifesta quando a tradição é tratada com desdém ou simples esquecimento. Relata-se que, ao se deparar com a soleira vazia, a vaidade da fada se converte em uma fúria avassaladora. Seus olhos dourados escurecem instantaneamente como uma noite sem lua.

Tomada pelo rancor, Lilith atravessa as menores frestas das portas, flutua silenciosamente pelos corredores ornamentados e carrega consigo as crianças da casa. As vítimas desse encanto são levadas diretamente para o Refúgio das Fadas, um bosque mágico escondido além da percepção humana. Ali, os pais não têm permissão para resgatá-las. Para pagar a dívida da família, as crianças precisam trabalhar servindo a fada, cuidando de seu reino e polindo suas relíquias.

Quando Lilith percebe que estão prontas e que a dívida foi paga, elas finalmente são devolvidas ao mundo real, embora isso possa levar muitos e muitos anos. Porém, aqueles que falham ou tentam rebelar-se sofrem uma maldição eterna: são transformados em novas fadas minúsculas, presas para sempre ao serviço de Lilith.

É por essa razão que, ao soar do recolher nas belas residências da cidade, a última e mais crucial tarefa da noite permanece inalterada: conferir se a porta de entrada guarda o presente perfeito para a Fada Lilith.

A capela abandonada

Gabriel Henrique Pozzo Roegelin
Faculdade Senac Concórdia

Todo mundo na minha escola conhece o Leo e o Gui. Os dois têm quinze anos, estudam no primeiro ano do ensino médio e são completamente viciados em coisas assustadoras. Enquanto a maioria do pessoal passa o fim de semana jogando futebol ou no shopping, eles passam o tempo livre procurando lugares antigos, fábricas abandonadas e casas em ruínas para gravar vídeos no celular. Eles até criaram um canal pequeno na internet para postar os vídeos, mas a verdade é que quase ninguém acreditava nas histórias que eles contavam.

A história começou a mudar quando o Gui descobriu um boato sobre a antiga capela que fica nos fundos do terreno da nossa escola. O prédio é bem velho, feito de tijolos escuros, e está abandonado há mais de trinta anos. Os professores sempre dizem para a gente passar longe de lá porque a estrutura é perigosa, mas a lenda que corre entre os alunos é outra. Dizem que, nos anos noventa, um antigo zelador do colégio que morava no porão da capela sumiu sem deixar rastros. Depois disso, várias pessoas juram que já viram luzes piscando nas janelas quebradas durante a madrugada e ouviram barulho de passos no telhado de telha colonial.

Numa sexta-feira de chuva, o Leo e o Gui resolveram que era o dia perfeito para explorar o lugar. Eles esperaram dar seis horas da tarde, que é quando o sinal da última aula toca e todo mundo vai embora correndo. Quando o pátio ficou totalmente vazio, os dois se esconderam atrás da quadra coberta e esperaram o sol sumir de vez. O Gui levou uma lanterna forte que pegou do pai dele, e o Leo colocou o celular para gravar.

A porta da capela estava trancada com uma corrente enferrujada, mas eles conseguiram entrar por uma janela lateral que estava sem o vidro. Dentro do lugar, o cheiro de mofo e poeira era muito forte. O chão estava cheio de folhas secas e pedaços de madeira caindo aos pedaços. Eles começaram a andar devagar, apontando a lanterna para os cantos e fazendo piada para tentar disfarçar o medo. O Leo falava para a câmera do celular como se estivesse apresentando um programa de televisão, tentando parecer corajoso.

Quando eles chegaram perto da porta que dava acesso ao porão, o clima mudou de repente. O ar ficou gelado de um jeito estranho, tanto que dava para ver a fumaça da respiração deles no escuro. Foi aí que o Gui travou o passo. Ele cutucou o armário de madeira velho e apontou a lanterna para o chão: perto da escada de madeira que descia para o porão, havia marcas frescas de lama, como se alguém tivesse acabado de caminhar por ali com sapatos molhados.

— Cara, acho melhor a gente voltar, não tem graça nenhuma isso aqui. Disse o Gui, baixinho, segurando o braço do amigo.

— Cala a boca, o vídeo vai ficar muito bom, confia! respondeu o Leo, tentando manter a voz firme, embora a mão dele estivesse tremendo um pouco enquanto segurava o celular.

Foi nesse exato momento que um barulho alto ecoou pelo corredor. Era o som claro de uma porta pesada batendo no fundo do porão, seguido por um ruído de correntes sendo arrastadas no chão de cimento. Os dois deram um pulo de susto. O Leo virou a câmera rápido para a escada do porão e a lanterna piscou três vezes antes de apagar totalmente.

No meio da escuridão completa, eles ouviram um suspiro pesado bem perto da orelha deles, acompanhado por um som de passos lentos subindo os degraus de madeira rangente. Ninguém falou nada. O Gui largou a lanterna no chão e os dois saíram correndo desesperados em direção à janela por onde tinham entrado. O Leo tropeçou num banco de madeira, ralou o joelho feio no chão, mas nem olhou para trás. Eles pularam a janela, atravessaram o pátio da escola na chuva e só pararam de correr quando chegaram na avenida iluminada lá fora.

No dia seguinte, os dois estavam na aula parecendo dois fantasmas de tão pálidos. Quando a gente perguntou o que tinha acontecido, o Leo pegou o celular para mostrar o vídeo que tinha gravado na capela. Só que a gravação estava estranha. A imagem mostrava exatamente o momento em que a lanterna apagou na porta do porão. Mas, no lugar do silêncio e do escuro, o áudio do vídeo captou uma voz grossa e sussurrada que eles não tinham ouvido na hora. A voz repetia a mesma frase três vezes: “Vocês não deveriam estar aqui”.

Hoje em dia, o Leo e o Gui continuam estudando com a gente, mas eles nunca mais gravaram nenhum vídeo para o canal. O canal inclusive foi apagado da internet. Se você passar perto da capela abandonada nos fundos da escola no final da tarde, vai ver que a janela lateral por onde eles entraram foi coberta com tábuas grossas de

madeira. Mesmo assim, quem fica até mais tarde para o treino de vôlei garante que ainda dá para ouvir o som de correntes arrastando no porão do prédio velho assim que o sol se põe.

O último raio

Bernardo Schmidt Antunes
Faculdade Senac Concórdia

Dizem que, depois que o Sol morreu, algumas pessoas começaram a voltar para casa.

Ninguém sabe exatamente o que aconteceu naquele dia. O céu ficou completamente branco por alguns segundos, os animais começaram a fugir e todos aqueles que olharam diretamente para o Sol caíram desacordados. Quando acordaram, o mundo ainda parecia normal, mas isso durou pouco.

Primeiro vieram as quedas de temperatura, depois a neve e, por fim, as noites intermináveis. As pessoas começaram a se esconder dentro de suas casas, cobrindo as janelas e trancando as portas antes do anoitecer.

Foi quando começaram as batidas.

Sempre três. Nunca duas, nunca quatro.

Do outro lado da porta aparecia alguém conhecido: um irmão desaparecido, uma mãe que havia morrido, um amigo que ninguém via há anos. Eles sabiam os nomes das pessoas, conheciam suas famílias e lembravam de coisas que ninguém mais poderia saber. Mesmo assim, havia algo errado. Eles esqueciam pequenos detalhes, não sentiam frio e às vezes ficavam imóveis durante minutos, olhando para o céu escuro.

Logo surgiu uma frase espalhada pelas cidades:

“Não abra a porta depois do Último Raio”.

Noah ouviu isso de seu pai quando ainda era criança, mas nunca levou a sério. Até a noite em que ouviu três batidas em sua própria porta.

Ele morava sozinho desde que sua família desaparecera e sabia que não havia ninguém lá fora. Então ouviu uma voz conhecida.

— Noah, abre. Sou eu.

Era sua irmã. Ela havia desaparecido três meses antes.

Noah se aproximou da porta, mas não abriu.

— Se é você, me diga uma coisa que só nós dois sabemos.

Houve silêncio. Então a voz respondeu:

— Eu te amo.

Noah começou a chorar, porque aquela era exatamente a frase que sua irmã costumava dizer.

Mas havia um detalhe.

Sua irmã nunca dizia aquilo. Ela sempre dizia: “Você ainda está aí?”

As batidas pararam.

Por alguns segundos, tudo ficou em silêncio.

Então a voz do outro lado começou a rir.

— Você aprendeu rápido.

Noah recuou, mas ouviu algo deslizando pela porta. Quando olhou pelo pequeno espaço embaixo dela, viu uma mão.

Era a mão de sua irmã, com a mesma cicatriz no dedo, a mesma unha quebrada e a mesma pulseira que ela usava antes de desaparecer.

Então a criatura falou novamente:

— Você acha mesmo que eu não sou sua irmã?

Noah não respondeu.

— Então abra a porta e descubra.

Ele pegou uma faca e ficou esperando.

A criatura começou a bater novamente. Três vezes.

Depois começou a imitar a voz de sua mãe. Depois a de seu pai. Depois a própria voz de Noah.

Cada voz pedia para ele abrir. Até que, de repente, tudo parou.

Noah respirou aliviado, mas ouviu um barulho vindo de trás dele.

Três batidas.

Não na porta.

Na janela.

Ele virou lentamente e viu uma figura parada do lado de fora do vidro congelado.

Era ele mesmo.

O mesmo rosto, a mesma roupa, a mesma cicatriz no queixo.

O outro Noah levantou a mão e sorriu.

— Não abra para eles. Disse a criatura. Eles estão tentando entrar.

Noah olhou para a porta. Depois para a janela.

Então percebeu que havia algo pior. Havia marcas de mãos espalhadas por todas as paredes da casa, mas nenhuma delas estava do lado de fora. Elas estavam por dentro. Noah começou a recuar enquanto uma voz sussurrava atrás dele:

— Você já abriu.

Ele se virou.

Não havia ninguém.

Então olhou para suas próprias mãos e percebeu que estavam cobertas de gelo.

Seu coração disparou.

Pela primeira vez, ele sentiu que não estava sozinho dentro daquela casa.

Naquela mesma noite, as pessoas da cidade ouviram uma transmissão de rádio.

Uma voz dizia que o Sol não havia morrido. Ele havia apenas deixado de iluminar a Terra porque alguma coisa estava usando sua luz para entrar no mundo.

A transmissão terminou com uma última frase:

“Se alguém bater três vezes, não abra. Se essa pessoa disser que é você, não responda. E, principalmente, não confie em si mesmo.”

Depois disso, ninguém mais ouviu falar de Noah.

Mas dizem que, quando a neve fica muito forte, uma figura aparece nas ruas congeladas e bate nas portas das casas sobreviventes.

São sempre três batidas.

E quando alguém pergunta quem está lá, a resposta vem imediatamente:

— Sou eu. Eu finalmente voltei para casa.

O homem que rouba almas

Heily Hernandez Batista
Faculdade Senac Criciúma

Desde que me entendo por gente, eu sentia minha alma. Ela vibrava quando meus pés tocavam o mar. Sentia isso quando beijavam minhas bochechas. Chorava comigo nos filmes mais tristes e parecia florescer quando eu encontrava alguém que me fazia bem, quando eu escutava uma música, quando ganhava um abraço. Sempre soube que ela existia. Não porque alguém me ensinou, ninguém nunca falou disso, mas era óbvio, porque era ela quem dava sentido a tudo o que eu sentia.

Foi por isso que percebi quando ela desapareceu. Quando ele levou minha alma. Tudo começou nos dias de chuva. Era estranho. Março costumava ser abafado, mas, sempre que ele aparecia, o ar ficava pesado, como se o céu inteiro respirasse atrás de mim. Uma respiração pesada, gelada, cansada. Eu sentia uma presença caminhando às minhas costas pelos corredores da escola, mas nunca conseguia vê-la por completo.

Hoje eu sei o motivo. Ele nunca tem um rosto. Ele veste roupas comuns. Pode parecer um aluno, uma boa pessoa, alguém mais do mundo. Conversa sobre qualquer assunto, ri na hora certa e parece apenas mais uma pessoa entre tantas outras. É justamente por isso que ninguém desconfia. Ninguém teme, ninguém percebe. Enquanto fala com você, ele não leva seu corpo. Ele não é agressivo e nunca vai parecer alguém a temer, mas leva a sua alma.

Não acontece de uma vez. É como uma maré recuando. Todos os dias você sente um pouco menos. A música perde a graça. A comida, o gosto. O abraço deixa de aquecer. O mar vira apenas água. As lágrimas secam antes mesmo de escorrer pelo rosto. Até que um dia... não sobra mais nada. Seu corpo continua vivo, você acorda, estuda, conversa, sorri, mas tudo isso para de fazer sentido.

Mas existe uma diferença impossível de explicar. Você já não ama. Já não sonha. Já não sente que pertence ao mundo e se pergunta cada dia o que deu errado. Você apenas existe. E a alma? Ninguém sabe para onde ela vai. Às vezes imagino que elas continuem vagando por aí, procurando desesperadamente o caminho de volta. Outras vezes penso que ele as guarda em algum lugar onde a luz não consegue

entrar e fica encarando essas almas por horas, sabendo que tomou para si o que havia de mais mágico de outra pessoa.

Talvez seja por isso que algumas pessoas dizem sentir uma tristeza que não lhes pertence quando começa a chover. Talvez sejam as almas tentando voltar para casa. Os registros mais antigos sobre ele aparecem em relatos separados por décadas, escritos por pessoas que nunca se conheceram. Todas descrevem a mesma sensação: dias de chuva, um desconhecido extremamente comum e, depois daquele encontro, uma vida inteira tomada por um vazio sem nome. A falta de algo que te pertence, o mesmo ser em infinitas vidas sempre fazendo o mesmo.

Os médicos chamavam de melancolia. Os padres diziam que era uma provação. As famílias acreditavam que a pessoa apenas havia mudado, e todos ficam confusos, sabendo que falta algo, mas sem saber exatamente o quê. Mas os mais velhos sussurravam outra história. Eles diziam que, de tempos em tempos, ele, que rouba almas, escolhe alguém cuja alma brilha mais do que as outras. Porque luz é a única coisa que ele nunca conseguiu criar. Só roubar.

E talvez a parte mais assustadora dessa lenda seja que ninguém consegue provar que ela é verdadeira. Afinal, quem perde a alma continua vivo o suficiente para convencer todos de que está bem.

A cidade que esquecia as pessoas

Ana Clara De Almeida Esmite
Faculdade Senac Criciúma

Existe uma cidade no sul de Santa Catarina chamada Serra das Cinza. Os moradores contam que, uma vez por ano, quando uma neblina muito branca cobre toda a cidade, uma pessoa simplesmente deixa de existir. Não que ela morra. É como se ela nunca tivesse existido. As fotografias desaparecem. As roupas somem. Seu nome também desaparece. O nome dela desaparece dos documentos. Até a família daquela pessoa que desapareceu esquece dela.

Só existe uma regra: se você lembrar dela, será o próximo a ser esquecido.

Já pensou?

Lívia, de 16 anos.

Ela percebe que sua melhor amiga desapareceu.

Mais ninguém lembra que amiga existiu.

Ela é a única que guarda uma lembrança.

O mistério

O porquê de Lívia se lembra.

Quem vai ser a próxima pessoa a desaparecer.

Quem criou essa maldição que faz as pessoas desaparecerem.

Lívia finalmente descobre a verdade: a lenda começou há mais de cem anos, quando um dos moradores fez uma promessa para salvar a cidade durante uma terrível epidemia. Para que a cidade sobrevivesse, uma lembrança humana deveria ser entregue todos os anos. Com o tempo, ninguém mais se lembrava da promessa, apenas da maldição.

Determinada a acabar com aquilo, Lívia encontra o local onde tudo começou e consegue quebrar o ciclo. Pela primeira vez em décadas, a neblina desaparece sem levar ninguém.

Mas havia um preço.

Quando Lívia volta para a cidade, percebe que ninguém a reconhece. Sua família olha para ela como se fosse uma estranha. Suas fotos desapareceram. Seu nome não está mais nos documentos. Até sua melhor amiga, que voltou a existir, não se lembra dela.

Lívia havia salvado todos.

Mas, em troca, tornou-se a próxima pessoa esquecida.

Anos depois, uma jovem encontra um caderno antigo escondido no fundo de uma biblioteca. Ao abrir, encontra apenas uma frase escrita na primeira página:

“Se você consegue ler meu nome, ainda há esperança.”

E, na última página, escrito quase apagado, está o nome:

Lívia.

A neblina começa a surgir novamente do lado de fora da biblioteca.

O último sinal do edifício Minerva

Julia Alves de Macedo
Faculdade Senac Criciúma

Na esquina da Rua das Flores existe um edifício abandonado há mais de vinte anos. Com janelas quebradas e paredes tomadas por trepadeiras, a estrutura parece cenário de filme. No entanto, quem costuma caminhar por ali nas madrugadas frias sabe que o prédio nunca esteve totalmente vazio.

A história foi repercutida na época em que o edifício ainda estava em funcionamento. Em uma noite de tempestade em 2001, o técnico de manutenção da rede telefônica, um homem chamado Bernardo, entrou no elevador do prédio para subir até a casa de máquinas no último andar e consertar um curto-circuito na central do prédio. A tempestade se agravou, a energia do bairro caiu por completo e o elevador travou entre o oitavo e o nono andar.

Bernardo ficou preso no fosso escuro. Não havia sinal de rádio ou telefone. Ele tentou usar o interfone interno de emergência para pedir socorro. Na manhã seguinte, os bombeiros foram chamados por um zelador que viu o homem entrando, mas, ao abrirem a cabine do elevador emperrado, encontraram apenas a mala de ferramentas de Bernardo jogada no chão. O técnico havia desaparecido sem deixar vestígios.

Alguns anos depois, o prédio foi desativado, mas a história de Bernardo nunca foi esquecida. Dizem que, ao passar pela calçada do Edifício Minerva exatamente às 03h03 da madrugada, o Wi-Fi do seu telefone identifica uma rede aberta sem senha chamada "EMERGENCIA_MINERVA_A8".

Quem comete o erro de se conectar a essa rede recebe imediatamente uma notificação de mensagem na tela. A mensagem traz uma foto em baixa resolução, que aparenta ter sido tirada de dentro do elevador, como se o celular estivesse caído sobre o piso. No rodapé da foto, surge a pergunta: “Você pode apertar o botão para mim?”

O caso mais conhecido é de um grupo de estudantes do ensino médio que decidiu testar o rumor em uma noite de sexta-feira. Quando o relógio do celular marcou três horas e três minutos, a rede apareceu na tela. Um dos rapazes, rindo da situação, se conectou e respondeu à mensagem digitando: “Estou subindo para ajudar.”

O silêncio da rua foi quebrado por um barulho metálico ensurdecedor vindo do interior

do prédio. O cabo de aço deteriorado do antigo elevador chicoteou contra as paredes do fosso, e o rangido de engrenagens enferrujadas ressoou por toda a quadra, como se o elevador estivesse despencando do topo do edifício. Os jovens, apavorados com as circunstâncias, saíram correndo até a avenida principal.

Ao se esconderem em um local que julgavam seguro, o rapaz que enviou a resposta olhou para o celular. A tela estava travada com a foto de uma mão pálida segurando o cabo de emergência do elevador. O telefone desligou misteriosamente, e o menino arremessou-o para longe.

Todos os garotos voltaram para casa, mas na manhã seguinte, um dos rapazes estava desaparecido. A polícia foi acionada e os moradores do bairro estavam inquietos. O menino nunca foi encontrado.

A história alerta: se você passar perto do Minerva de madrugada e o seu celular receber uma notificação de rede, não olhe para a tela e jamais entre no edifício. A lenda diz que Bernardo continua procurando alguém que atenda ao seu pedido de socorro para que ele possa finalmente sair da escuridão do fosso.

A administração municipal e a Defesa Civil informam que a estrutura do Edifício Minerva está lacrada e sem fornecimento de energia elétrica há décadas, sendo impossível a transmissão de qualquer sinal de rádio ou internet a partir do local.

Mesmo assim, os entregadores noturnos que trabalham na região evitam aproximar-se da Rua das Flores após as três da manhã. Preferem alongar o trajeto a correr o risco de ouvir os estalos medonhos e o eco dos cabos que emanam das entranhas daquele prédio abandonado.

O guardião

Glorgia Barbosa de Lima de Farias
Faculdade Senac Florianópolis

No final dos anos 1980 nasceu um menino de pele muito escura e cabelos bastante cacheados. Seus olhos eram tão negros e brilhantes que era possível vê-los na penumbra.

Esse menino não teve nome. Seus pais sempre foram desconhecidos. Não se sabe ao certo quem cuidou desse menino, pois só o que se sabe é que ele sempre viveu nas ruas. Comia manga, ingá, jambo e tudo o mais que a natureza pudesse prover.

No início dos anos 2000, o menino já era um homem, grande e forte. Usava vestes que só cobriam “os baixos”. Andava sempre na BR-316, de um lado para outro, com os pés descalços e os cabelos e barba emaranhados. Era uma figura que assustava e, ao mesmo tempo, despertava a curiosidade.

Algumas pessoas, as poucas que falaram com ele (ou que tentaram), dizem que ele mora em um buraco na estrada, mas ninguém sabe o que tem nesse buraco.

Acredita-se que esse buraco, na verdade, é um conjunto complexo de túneis e que o “Negão da BR”, como é conhecido, utiliza esses túneis para transitar pelos diferentes pontos da estrada.

Ele já foi conduzido umas duas ou três vezes para uma casa de acolhimento, mas não ficou no local por mais do que poucas horas. Ninguém sabe como ele foge, só se sabe que ele desaparece. Certamente, pelo buraco que tem como morada.

Acredita-se que o Negão da BR seja apenas um morador de rua sem família, mas há quem faça especulações sobre sua casa e acredite que ele guarda ou vigia o emaranhado de túneis que a Cobra Grande, aquela que mora embaixo de Belém-PA, habita. Conta-se que é responsabilidade dele impedir que ela seja acordada. Os mais antigos dizem que, se a cobra acordar, a cidade afundará.

Além da BR, existem relatos de avistamentos desse homem em locais centrais da cidade de Belém, como no Ver-o-Peso, no colégio Gentil Bittencourt e na Basílica de Nazaré. Conta-se que embaixo do altar central da Basílica está localizada uma das entradas do túnel que leva à Cobra Grande. Outra entrada que se diz existir é no colégio Gentil. Frequentemente, alunos mais corajosos buscam encontrar essa

entrada, principalmente depois que houve o relato de um aluno que desmaiou ao ver, na capela da escola, olhos tão brilhantes que pareceram sugar sua energia.

Relatos recentes contam que um turista seguiu o homem e adentrou nos túneis em que ele vive. Mantendo distância para evitar ser descoberto, chegou próximo ao covil da Cobra Grande, onde quase fez a enorme serpente despertar. “Quase’’ porque ela se mexeu e causou um leve terremoto sentido na área central da cidade. Diz-se que ela só não despertou completamente porque o “Negão da BR” impediu que o turista chegasse mais perto. O turista conseguiu retornar à superfície e foi encontrado na feira do Ver-o-Peso com os olhos vidrados, mas sem conseguir dizer nenhuma palavra.

Não se sabe ao certo se o “Negão da BR” é uma figura amigável ou agressiva; o fato é que quem cruza seu caminho sente medo e procura se afastar. É como se a energia que ele carrega fosse uma forma de proteger a todos, mesmo suportando o fardo da solidão.

Muitas perguntas ainda permanecem sem respostas e, embora se façam diversas especulações sobre esse homem, ninguém sabe quais mistérios ele carrega consigo. Enquanto a cidade segue seu ritmo, ele permanece vigilante. E, se algum dia você for corajoso, ou tolo o bastante para segui-lo até a profundeza dos túneis, talvez não saia de lá com a sanidade intacta.

A lenda do Mané da Ilha

Gabriel dos Passos
Faculdade Senac Florianópolis

Em meados do século XVIII, a chegada dos imigrantes açorianos à Ilha de Santa Catarina marcou o início de uma grande comunidade e de culturas no local, e, em meio à essas culturas, a pesca, até hoje, é um dos sustentos de grande parte da comunidade manézinha da ilha. Mas um jovem tornaria essa prática algo a ser temido por alguns locais. Mané Peixoto da Costa, menino que nasceu e se criou às margens das praias do norte da ilha, seria a terceira geração de pescadores de sua família. Era um garoto de caráter forte, sempre muito alegre e sorridente, que gostava de participar da tradição que trazia sustento à sua família, porém, com uma teimosia sem igual que mais tarde o faria se arrepender.

Certo dia, Mané, brincando em uma das bateiras de seu pai, avistou um cardume de tainhas e pediu à sua mãe que o deixasse sair para dar uma volta de barco além da marola da praia, coisa que nunca havia feito antes por ser ainda um jovem sem experiência. Mas sua mãe, mulher inteligente e que tinha conhecimento sobre as mudanças repentinas do clima da ilha, percebendo o clima estranho e o dia de vento nordeste, negou o pedido e o repreendeu dizendo:

— “Tash tolo Mané, nom tash vendo que vai caí um baita dum cacau d’água?”. Mané, muito teimoso como sempre, olhando o céu limpo e claro de um dia de verão deu de ombros e pensou consigo mesmo “Tá doido, a mãe e o pai nunca deixon o cara fazê nada, eles achonue eu ainda sô rapash pequeno. Qué sabê, ô vô pega minha tarrafinha, um litrinho de Pureza e vô í memo assim qué vesh”, e assim fez.

Vento suave, maresia gelada no rosto e a marola do mar calma, tudo parecia perfeito aos olhos de Mané, ele apenas não esperava que as palavras de sua mãe fossem a pura verdade. De repente, o mar calmo e clima aconchegante que pareciam perfeitos para pescar se tornaram uma tormenta implacável. Mané se viu incapaz de fazer qualquer coisa, e ali, onde mais gostava e queria estar, aceitou seu destino.

Foram dias e dias de buscas intermináveis pelo menino, até que, um dia, um grupo de pescadores encontraram apenas sua bateira já quebrada às margens da praia do Moçambique, sua tarrafa e a garrafa de Pureza ainda fechada. Pescadores de toda a ilha ainda contam a história do garoto que nunca foi encontrado, mas que era apaixonado pela tradição e pela cultura da pesca. E até hoje dizem que, mesmo

estando no meio de uma tormenta em alto mar, basta ter uma garrafa de Pureza a bordo de sua embarcação para oferecer ao espírito do garoto, e, ele o ajudará a guiar a embarcação para mares de clima mais calmos e tranquilos.

Entre arranha-céus

Rubia dos Santos Pilla
Senac Itajaí

A cidade conhecida por ser cercada de arranha-céus parecia estar deserta. O vento gelado anunciava a chegada do outono e, com ele, a diminuição do movimento na principal avenida. O único som que se ouvia era uma voz aguda que ecoava há décadas pelas ruas de Balneário Camboriú, anunciando que Tereza Maria, conhecida como Tia da Cocada, passava por ali com suas famosas cocadas. Com sua pele morena, boné e avental branco, ela já era uma figura conhecida por moradores e turistas. Mas de onde aquela senhora e suas cocadas vinham era algo que ninguém parecia demonstrar muito interesse em descobrir, exceto Jorge e Ana.

Após um dia de pouco movimento, a Tia da Cocada esbarrou em duas crianças que corriam por ali.

— Cuidem por onde andam, pequenos! alertou Dona Tereza, enquanto pegava do chão o que as crianças haviam derrubado com a correria.

— Desculpa, Tia! disse Ana, parando para ajudar a idosa a recolher as coisas.

— Jorge, venha logo ajudar.

— Que chatice, Ana! resmungou o menino.

Jorge e Ana se aproximaram e ajudaram a senhora a juntar as cocadas que haviam caído no chão. Quando terminaram, perceberam que a senhora estava pálida e olhando fixamente para a rua vazia.

— Vocês não deveriam estar aqui tão tarde... murmurou a senhora.

— Por quê? perguntou Ana.

A Tia da Cocada apontou para uma cocada caída no chão.

— Se encontrarem uma dessas depois da meia-noite, não peguem!

Antes que pudessem perguntar o motivo, ela saiu andando rapidamente. Os dois ficaram olhando, até ouvirem um estranho barulho de passos atrás deles. Quando se viraram, não havia ninguém. Havia apenas uma cesta de cocadas atrás deles.

— Parecem estar muito gostosas essas cocadas, não é, Ana?

— Parecem estar mesmo, Jorge. Só que você não lembra do que a Tia da Cocada falou para a gente? Que essa cocada pode ser muito perigosa.

Os dois haviam brincado a tarde inteira e suas barrigas estavam roncando de fome. Como Jorge era um menino travesso e gostava de aprontar, resolveu ignorar o aviso de Tereza Maria, a Tia da Cocada.

Então, Jorge pegou sua primeira cocada. Logo depois de comê-la, Ana ficou com muita vontade de comer também, pois viu que nada de ruim havia acontecido com Jorge. Ela começou a achar que aquilo era apenas um papo furado da Tia da Cocada. Porém, como era uma menina esperta, decidiu não comer a cocada e apenas ficou observando Jorge se deliciar com seus doces. De repente, ao fundo da rua, eles escutaram um grito vindo de longe:

— Olhaaa a cocadaaaa!

Ana olhou rapidamente para trás para ver se conseguia enxergar a Tia da Cocada. Ela havia ido embora sem suas cocadas, e Jorge já estava quase acabando com todas.

Quando Ana foi chamar Jorge, ele já não estava mais lá. Havia simplesmente desaparecido, assim como a Tia da Cocada.

Então, Ana correu para casa e contou à mãe que Jorge havia desaparecido depois de comer uma cocada misteriosa de uma senhora que vendia doces.

Logo, começaram as buscas por Jorge. Os vizinhos da cidade se reuniram para procurá-lo, mas já havia escurecido, e estava cada vez mais difícil encontrá-lo.

De repente, Ana escutou, atrás de um terreno abandonado:

— Olha a cocada!

Ana correu desesperadamente atrás do grito que escutava. Conforme chegava mais perto do som, percebia que ele ficava cada vez mais distante dela. Então, chegou ao tal terreno abandonado.

Ela prometeu a si mesma que faria de tudo para ter Jorge de volta. Quando entrou no terreno, encontrou uma bandeja cheia de cocadas. Ana pensou que a única forma de ver Jorge novamente seria comer uma delas e ir para o mesmo lugar onde ele havia ido. Então, comeu uma cocada atrás da outra, na esperança de encontrar Jorge.

Até hoje, ninguém mais viu Ana ou Jorge. E, desde aquela noite, os gritos da Tia da Cocada também nunca mais foram ouvidos.

O último passageiro

Manoelly Brasil da Silva
Senac Itajaí

Há uma história que os motoristas mais antigos da linha noturna quase nunca gostam de contar.

Eles dizem que, em algumas noites, aparece um passageiro no último banco do ônibus. O estranho é que ninguém o vê entrar. O motorista confere o ônibus antes de sair, olha os bancos e tem certeza de que está tudo vazio. Mesmo assim, depois de algumas paradas, quando olha pelo retrovisor, ele está lá. Sempre sentado no último banco, sozinho e quieto, olhando pela janela. Alguns motoristas já tentaram falar com ele, mas nunca recebem resposta. Outros preferem fingir que não viram. O mais estranho acontece quando o ônibus chega ao ponto final. Quando o motorista olha novamente para trás, o banco está vazio. Ninguém vê o passageiro descendo. Ele simplesmente desaparece. Mas sempre fica alguma coisa no banco: um pequeno bilhete. Ninguém sabe quem escreve. E o pior é que o que está escrito muda todas as noites. Os motoristas dizem que, depois de lerem os bilhetes, começam a ter medo de descobrir para quem aquelas mensagens realmente foram escritas.

Naquela noite, um dos motoristas decidiu guardar o bilhete em vez de jogá-lo fora. No papel estava escrito apenas: “Não olhe para trás.”

Durante todo o caminho, tentou não pensar naquelas três palavras. “Não olhe para trás.” Quando chegou ao ponto final, desligou o ônibus e respirou fundo. O último banco estava vazio. Pelo menos, parecia estar.

Antes de sair, ele percebeu uma coisa, havia marcas de mãos molhadas no vidro da janela do último banco, do lado de dentro. Ele ficou parado, olhando para as marcas. O motorista levantou os olhos lentamente para o retrovisor. E, dessa vez, o último banco não estava vazio. Na manhã seguinte, o ônibus foi encontrado aberto. O banco estava molhado. E havia um novo bilhete sobre ele.

“Agora ele sabe o seu caminho.”

A mula sem cabeça

Matheus de Andrade Silva Reis
Senac Itajaí

No interior do Maranhão, morava um homem chamado José Pereira de Andrade, que tinha 21 anos. Ele namorava a filha de um agricultor chamado Emanoel dos Reis; a namorada de José Pereira se chamava Ana Christina dos Reis.

José morava no município de Barra do Corda, em um povoado chamado Montevidéu, enquanto sua namorada morava em um povoado vizinho chamado São Gonçalo do Capim, porém um pouco distante de sua casa. José tinha o costume de ir visitar sua namorada de três a quatro vezes por semana, a cavalo. Certa vez, como de costume, ele foi visitá-la. A noite caiu e José tinha que voltar para sua casa, pois trabalhava no dia seguinte. Como já era noite, o pai de sua namorada o aconselhou a passar a noite em sua casa, pois já era tarde da noite, porém José insistiu que teria que voltar a sua casa, então José montou em seu cavalo e pegou a estrada.

No meio de seu trajeto, José ouviu barulhos que pareciam ser emitidos por um cavalo; no mesmo instante, seu cavalo começou a ficar agitado e se recusava a correr adiante. De repente, a 50 metros de distância, José avistou uma criatura com corpo de cavalo que aparentava ter uma cabeça que em chamas e fazia muito barulho com seus cascos; seu cavalo começou a ficar agitado, então José começou a correr de volta para a casa de sua namorada enquanto aquela criatura de corpo de equino e cabeça em chamas o perseguia descontroladamente.

Quando já estava se aproximando da casa de sua namorada, sem mesmo que percebesse, aquela criatura havia parado de segui-lo. Acontece que aquela criatura não gostava de aparecer para mais de uma pessoa por vez, então evitava ao máximo ser notada por muitas pessoas.

Não escute

Aniely Beatriz Belo Cardoso
Faculdade Senac Jaraguá do Sul

Em uma pequena cidade do Paraná, moradores relatam ouvir uma moça cantarolando uma música irreconhecível no momento em que passam em frente a uma casa abandonada.

Dizem que, sempre no primeiro dia do mês, quando o relógio marca 0h, quem passa por uma rua deserta, em frente a uma casa velha e abandonada, consegue ouvir uma voz feminina cantarolando uma música que ninguém conhece.

Certa noite, um garoto decidiu sair de casa para caminhar. Passou por várias ruas de seu bairro e, quando estava próximo daquela rua deserta, olhou para o relógio e percebeu que já eram 23h55. Assustou-se com o horário, pois fazia bastante tempo que havia saído de casa e não havia percebido que estava tão tarde. Decidiu voltar para casa. Porém, ao passar em frente à casa abandonada, seu relógio apitou, avisando que já era 0h.

Foi então que ouviu uma voz feminina cantarolando uma melodia baixa e distante. A música era estranha, mas, ao mesmo tempo, parecia familiar. O garoto parou e olhou em volta. A voz parecia vir de dentro da casa abandonada. Movido pela curiosidade, aproximou-se do portão. Quanto mais perto chegava, mais alta ficava a música; era como se a própria canção o chamasse.

Sem perceber, abriu o portão e entrou no quintal. A casa estava completamente escura, mas a porta da frente encontrava-se entreaberta. O garoto caminhou lentamente até ela e, a cada passo, a melodia ficava mais clara.

Quando colocou a mão na maçaneta da porta, ouviu a voz parar de cantarolar e, por alguns segundos, tudo ficou em silêncio. Então, a porta se abriu sozinha lentamente. Lá dentro, as luzes começaram a piscar em um tom vermelho-escuro. O garoto permaneceu parado, tentando enxergar alguma coisa lá dentro. Foi quando percebeu que não estava sozinho. Então, foi entrando na casa para descobrir quem estava lá.

No fundo da sala, enxergou uma criatura extremamente alta e magra. Seus braços eram compridos demais para o corpo, seus olhos eram grandes e brilhavam

intensamente no escuro. Mas o que mais assustou o garoto foi o rosto da criatura. No lugar onde deveria estar sua boca, havia um antigo rádio.

Era daquele rádio que vinha a mesma música que ele havia escutado da rua. De repente, o aparelho começou a emitir sons altos e monstruosos. O garoto tentou fugir, mas a porta atrás dele havia desaparecido. Então, o rádio voltou a tocar a mesma melodia.

Naquela noite, o garoto não voltou para casa. No dia seguinte, sua família procurou por ele pelas ruas da cidade, mas ninguém o encontrou. A única coisa encontrada foi seu relógio, caído próximo ao portão da casa abandonada, com o horário parado exatamente às 00h01.

Desde então, os moradores evitam passar por aquela rua no primeiro dia de cada mês, principalmente à noite. E existe um detalhe que algumas pessoas afirmam: quando o relógio marca exatamente 00h01, a música pode ser ouvida novamente.

Mas, dessa vez, a voz feminina não está cantando sozinha. Ao fundo, é possível ouvir uma segunda voz, uma voz masculina, baixa e distorcida, repetindo a mesma melodia. Dizem que, se você prestar atenção para escutar, a música começa a ficar cada vez mais próxima.

E, se ela parar... é melhor não olhar para trás.

O eco de 1984

Rafaela Freitas Barroso
Faculdade Senac Jaraguá do Sul

Em Jaraguá do Sul, no coração da cidade, erguia-se uma estrutura esquecida pelo tempo: um prédio antigo cujas portas se fecharam abruptamente no dia 14 de dezembro de 1984. Desde essa data, o silêncio instalou-se em seus corredores. Ninguém sabia o verdadeiro motivo do seu encerramento. Os idosos da região, que frequentavam o local, esquivavam-se de qualquer pergunta, mudando de assunto com um olhar inquieto, como se romper o silêncio pudesse invocar algo terrível.

A cidade, conhecida pela sua forte tradição jornalística, abrigava um jovem repórter movido por uma curiosidade quase obsessiva por aquele mistério. Determinado a encontrar respostas onde todos os outros recuaram, ele decidiu procurar o único testemunho vivo daquela época, Sebastião, um antigo frequentador que vivia isolado num hospital psiquiátrico desde o dia do abandono do prédio.

Ao encontrar Sebastião, o jornalista tentou confrontá-lo com perguntas sobre o passado. O idoso, porém, permaneceu imóvel, com o olhar perdido no vazio, se recusando-se a proferir uma única palavra. O silêncio de Sebastião apenas alimentou ainda mais a determinação do jovem.

Movido pela frustração, o repórter se dirigiu ao local. Encontrou uma janela lateral com a madeira podre e esgueirou-se para o interior. Ao pisar o chão do edifício, deparou-se com uma cena desconcertante. Ao contrário do esperado, tudo ali permanecia intacto e impecavelmente limpo, sem uma única camada de poeira a cobrir os móveis, como se o tempo tivesse congelado naquele espaço.

Decidido a explorar as profundezas do local, avançou pelos corredores penumbrosos. Foi então que reparou num detalhe perturbador. No chão, surgiam pegadas recentes que não eram as suas, conduzindo diretamente a uma pesada porta de ferro no fundo do corredor. Com o coração acelerado, ele forçou a dobradiça enferrujada, que cedeu com um rangido ecoante.

No centro, sob a fraca iluminação da sua lanterna, havia uma mesa de madeira. Sobre ela, encontravam-se dois objetos: uma fotografia datada de 13 de dezembro de 1984, véspera da evacuação e um gravador de fita cassete. Na fotografia, várias

pessoas surgiam reunidas no salão principal, mas todos os rostos tinham sido raspados e cobertos com tinta preta.

Com as mãos trêmulas, o jornalista pressionou a tecla de reprodução do gravador. O ruído estático da fita preencheu a sala antes de dar lugar a uma voz rouca e desesperada, estranhamente parecida com a de Sebastião na sua juventude:

“Se está ouvindo esta gravação, cometeste o mesmo erro que nós. Este lugar nunca foi abandonado devido a um acidente ou decisão administrativa... foi selado por causa do que acordámos aqui dentro. Nós não nos esquecemos do que aconteceu; fomos condenados a nunca mais poder falar.”

Antes que o áudio terminasse, um estalo metálico violento ressoou atrás do jornalista. A porta de ferro bateu com força sobre-humana. No silêncio que se seguiu, enquanto o ar se tornava cada vez mais pesado, o repórter compreendeu finalmente o terror que mantivera a cidade em silêncio durante décadas.

A última mensagem

Ana Clara Ribeiro Moquatt
Faculdade Senac Jaraguá do Sul

Helena tinha dezesseis anos e vivia com os seus pais e o irmão mais novo em uma pequena cidade do interior. Era conhecida por ser uma estudante dedicada, reservada e extremamente cuidadosa com seus horários. Não costumava sair à noite e, segundo os familiares, jamais desaparecia sem avisar.

Por isso, quando não voltou para casa em uma sexta-feira de outubro, ninguém considerou, inicialmente, que houvesse algo de anormal naquela tarde. Helena havia saído da escola às 17h12. E, às 17h26, enviou uma mensagem para a mãe: “Estou indo para casa.”.

Essa foi a última mensagem que sua família recebeu dela. Helena, entretanto, nunca chegou em casa. A princípio, seus pais imaginaram que ela tivesse ido à casa de alguma amiga. Ligaram para duas colegas de escola, depois para parentes e, por fim, para outros lugares que Helena costumava frequentar. Ninguém a havia visto. Às 21h, a família procurou a polícia.

As buscas começaram naquela mesma noite. Seu celular foi localizado algumas horas depois, próximo a uma antiga estrada de terra que passava pelos fundos da cidade. O aparelho estava intacto. Não havia sinais de queda ou danos. Também não havia Helena. O detalhe que chamou a atenção dos investigadores foi o horário da última atividade registrada: 17h31. Apenas cinco minutos depois da mensagem enviada à mãe. A partir daquele momento, o aparelho não havia sido utilizado novamente. Três dias se passaram e nenhum sinal de Helena. Nenhuma ligação. Nenhuma testemunha. Nenhuma explicação.

Então, na madrugada do quarto dia, o telefone da mãe vibrou. Era uma mensagem. O número era de Helena. A mãe abriu imediatamente. Havia apenas uma frase: “Mãe, eu estou bem. Não procure por mim.”

Por alguns segundos, ninguém conseguiu dizer uma palavra. Helena estava viva ou, pelo menos, era isso que aquela mensagem queria fazer parecer. A policial recolheu o telefone da mãe e iniciou uma investigação. Havia, porém, um problema: o celular de Helena estava guardado dentro da própria delegacia. E, segundo os

registros, a mensagem havia sido enviada do número que pertencia ao aparelho desaparecido.

Na noite seguinte, uma nova mensagem chegou. Desta vez, dizia: “Ele sabe que vocês estão procurando.”

Os investigadores tentaram descobrir de onde a mensagem havia sido enviada. O sinal apontava para a mesma região onde o celular de Helena havia sido encontrado. Foi então, que na antiga estrada, encontraram uma casa abandonada. Era uma construção antiga, quase escondida pela vegetação. Segundo moradores, ninguém entrava naquele lugar havia décadas.

Os policiais entraram. A casa estava vazia. Não havia móveis, não havia roupas, não havia qualquer sinal de que alguém vivesse ali. Mas havia fotografias. Centenas delas, presas na parede, espalhadas pelo chão e escondidas dentro de gavetas. Homens, mulheres e crianças, todos desaparecidos. No verso das fotografias, havia datas: 1978, 1979, 1980, 1981, 1982 e muitas outras. Os investigadores descobriram que todas aquelas pessoas haviam desaparecido nas proximidades da mesma estrada. Alguns casos tinham ocorrido décadas antes. Nenhum havia sido solucionado. Mas algo ainda mais estranho chamou a atenção: pouco antes de desaparecerem, as famílias dessas pessoas haviam recebido uma última mensagem, sempre a mesma frase:

— Estou bem. Não procure por mim.

Entre as fotografias antigas, havia uma imagem que não deveria estar ali. Era Helena. A fotografia mostrava a garota diante da estrada. No verso, havia apenas um horário: “17h31”, o mesmo horário registrado no celular encontrado. A investigação nunca conseguiu explicar como aquela fotografia havia sido tirada, nem quem a havia colocado ali. Helena nunca foi encontrada.

Durante anos, o número de Helena permaneceu ativo. Nenhuma mensagem. Nenhum sinal. Nenhuma ligação. Até uma madrugada de outubro, quando o telefone da mãe de Helena recebeu uma notificação. Ela abriu a mensagem. Era apenas uma fotografia. Mostrava a antiga estrada onde sua filha havia desaparecido. No fundo da imagem, escondida pela escuridão, havia uma garota parada de costas. Abaixo da fotografia, havia apenas um horário: “17h31”. E, pela primeira vez, a mensagem não tinha sido enviada do número de Helena. Havia sido enviada pelo próprio número da mãe. A mensagem dizia:

— Estou indo para casa.

A menina das cartas

Eduarda Ramos Grave
Faculdade Senac Joinville

Em uma cidade pequena e pouco conhecida, viviam cerca de cem pessoas. Todas passavam seus dias com tranquilidade, e os poucos que a visitavam diziam nunca ter conhecido um lugar tão pacífico. Diziam que os moradores eram carismáticos, otimistas e pareciam não guardar ódio uns dos outros por muito tempo.

Nada muito ruim ou estranho acontecia, até que, em uma manhã bonita, aparentemente tão comum quanto as outras, uma senhora bondosa, chamada Marlene, encontrou uma carta estranha, sem remetente, entre as contas a pagar que havia retirado da caixa de correio. Curiosa, ela colocou seus óculos de leitura e rasgou o envelope. Quando terminou de ler, estava pálida.

O conteúdo da carta anunciava algo absurdo: a vizinha de Marlene, sua amiga, roubava frequentemente as hortaliças do quintal bem cuidado da senhora. Mesmo sem acreditar naquela história de imediato, Marlene passou a desconfiar da vizinha. A cada dia, acreditava menos no que a mulher dizia e, em determinado momento, já nem conseguia mais tomar café da tarde com ela. O clima ficou tão ruim entre as duas que elas passaram a ter brigas feias, trocando olhares afiados e palavras cruéis.

O mesmo aconteceu com Carlos, que recebeu uma carta revelando que seu melhor amigo estava dormindo com a sua mulher. Ele ficou enfurecido, parou de falar com o seu amigo e passou a dirigir-lhe adjetivos maldosos quando se viam.

Mais cartas começaram a aparecer nas caixas de correio, até que todos tivessem descoberto algum segredo de seus conhecidos, amigos ou familiares. A cidade, antes tranquila e segura, agora tremia com o ressentimento e a raiva explosiva de seus moradores. Quando parecia que a paz estava perdida de vez, outras cartas chegaram. Todas ao mesmo tempo, para todas as casas, e com a mesma mensagem: um aviso, de origem desconhecida, declarando que as cartas tinham sido enviadas por uma só pessoa, que iria se revelar. Todos apenas precisariam se reunir na prefeitura, ao meio-dia em ponto do dia seguinte, e esperar.

Assim fizeram. A raiva deles agora estava direcionada à pessoa que, de acordo com eles, havia se divertido destruindo as suas vidas. Às 11h30, toda a população estava reunida no grande salão da prefeitura não era preciso um ambiente tão largo

para comportar todos, mas ainda assim, era um grande salão, e até às 12h, todos esperaram. Todos, menos o prefeito, que havia se atrasado e chegou um pouco depois. Quando o relógio na parede marcou 12h01, o prefeito, que era o único ausente, passou pelas portas do salão, finalmente se juntando aos demais. Todos o encararam, e se exaltaram. “É ele!”, gritaram, “Foi ele que enviou as cartas!”.

O homem tentou explicar que apenas havia acordado tarde, mas ninguém o ouviu, todos tomados por uma fúria irracional e uma sede de vingança. Em algum momento, durante a confusão que se seguiu, alguém empurrou o prefeito com tanta força que ele caiu e bateu a cabeça. Em vez de se levantar, permaneceu imóvel, enquanto uma poça de sangue começava a brotar sob sua cabeça.

Alguns moradores se desesperaram; outros comemoraram. Mas o caos não acabou eles continuaram gritando e brigando entre si, culpando uns aos outros pela morte do prefeito e pelas coisas que haviam descoberto uns sobre os outros. Enquanto todos se empurravam e berravam, uma menina se afastou. Ela usava um chapéu azul e carregava uma bolsa grande, parecida com a de um carteiro. Calmamente, ela subiu na enorme mesa do centro do salão, ficou de pé e observou a todos.

“Silêncio!”, ela gritou, e foi como se um trovão tivesse estourado dentro das paredes da prefeitura. Todos se calaram.

“Não foi o seu prefeito que enviou as cartas. Fui eu!”

Somente aquelas poucas palavras foram suficientes para que a sala explodisse outra vez em acusações violentas, trazendo de volta os gritos raivosos. Alguns tentaram agarrá-la. Porém, assim que suas mãos chegaram perto de alcançá-la, ela desapareceu, surgindo novamente do outro lado do cômodo, ao lado da saída. Ela se virou para sair, mas, antes de atravessar o batente da porta, olhou para os moradores por cima do ombro. Sua voz ecoou pelos quatro cantos do lugar quando ela falou:

“Aliás, tudo o que vocês leram nas cartas era mentira.”

Então saiu, trancando a porta atrás de si e deixando-os presos em seu próprio caos. Algumas histórias sobre a Menina das Cartas contam que ela era um espírito que amaldiçoava cidades pacíficas por diversão. Outras dizem que ela aparecia para revelar o mal dentro de nós. Mas, independentemente de como descrevem a garota, as histórias sempre terminam com o mesmo aviso: se receber uma carta sem nome, não leia. A Menina das Cartas não precisa dizer a verdade. Ela só precisa fazer você

acreditar. Naquela mesma noite, uma carta sem remetente apareceu na caixa de correio de outra cidade.

A voz da madrugada

Karine Silva de Oliveira
Faculdade Senac Joinville

Eu nunca gostei de visitar a casa da minha família. Ela ficava longe da cidade, cercada por uma floresta enorme e silenciosa. Meu avô chamava aquele lugar de Floresta Assombrada.

Desde criança, eu conhecia algumas regras daquele lugar:

Não saia depois que escurecer.

Nunca olhe para a floresta à noite.

Se alguém chamar seu nome, não responda.

Se ouvir alguém batendo na porta, não abra.

E, principalmente, nunca abra a porta se ouvir a voz de alguém conhecido.

Eu achava aquilo apenas uma superstição. Certa noite, minha mãe precisou sair para trabalhar. Antes de ir, olhou para mim e repetiu:

— Promete que não vai abrir a porta?

— Prometo.

Ela saiu e a casa ficou em silêncio. Por volta das duas da manhã, ouvi:

Toc. Toc. Toc.

Alguém estava batendo na porta.

Fiquei parada na cama.

Então ouvi a voz da minha mãe:

— Filha? Abre a porta.

Meu coração disparou. Pensei que ela tivesse voltado mais cedo.

Levantei e fui até a porta, mas lembrei das regras. Não abri.

Depois de alguns segundos, ouvi a mesma voz vindo da janela:

— Filha, olha para mim. Eu sabia que não deveria olhar, mas a curiosidade foi maior.

Aproximei-me da janela e afastei lentamente a cortina.

No meio da floresta havia alguém parado. Era minha mãe.

Ou pelo menos parecia ser. Ela estava muito longe da casa, imóvel, olhando diretamente para mim. Seu corpo parecia estranho, quase deformado pela escuridão.

Fiquei sem conseguir me mexer.

Então ela levantou o braço e apontou para dentro da floresta.
Sua boca começou a se mexer.
Dessa vez, a voz não veio da janela.
Parecia estar dentro da minha cabeça.
Você quebrou a regra.
Soltei a cortina e corri para o quarto.
Passei o resto da noite acordada.
Quando amanheceu, minha mãe chegou do trabalho.
Contei tudo.
Ela ficou pálida quando perguntei:
Quem estava lá fora?
Minha mãe não respondeu.
Então perguntou:
— Ela chamou você pelo seu apelido?
Eu senti um arrepio.
Ela havia usado um apelido que somente minha mãe conhecia.
Naquele dia, fui embora e nunca mais voltei para aquela casa.
Até hoje não sei o que estava naquela floresta.
Mas existe uma coisa que nunca consegui esquecer.
Naquela noite, aquela coisa começou chamando meu nome.
Depois chamou pelo meu apelido.
E, pouco antes de eu fechar a cortina, ela chamou outra pessoa.
Alguém que eu nunca conheci.
O pior é que alguém respondeu.
E a voz veio de dentro da casa...

O lobisomem do interior

Hyan Gonçalves Rodrigues
Faculdade Senac Palhoça

Algum tempo atrás, minha avó me contou uma história sobre uma família do interior do Rio Grande do Sul. Eram nove pessoas: o pai, seu Zé, sua esposa Maria e sete filhos. O caçula de todos se chamava Arthur, um menino que, de uma hora para outra, começou a mudar. Parecia sempre pálido, cansado e com uma fome insaciável. À noite, ficava encarando a lua em transe.

Em uma noite de lua cheia, os irmãos mais velhos que dividiam o quarto com ele: João, Heitor e Henrique, perceberam que a cama do caçula estava vazia e a janela escancarada para a mata.

— O Arthur sumiu! cochichou João, apavorado.

— Se o pai descobrir, a gente tá morto. Vamos atrás dele na mata; disse Heitor, pegando o lampião.

Ignorando o medo, os três adentraram a escuridão gelada. O vento uivava entre os troncos secos e a névoa cobria a vegetação. No solo, as pegadas descalças de Arthur sumiam, dando lugar a rastros fundos e rasgados na terra, como se algo com garras tivesse começado a correr. Repentinamente, assobios finos e sombrios começaram a ecoar pelas árvores. João sentiu um arrepio gélido; lembrava das velhas lendas que a avó contava na beira do fogão a lenha: quando o mato assobia de noite, nunca se deve responder.

O pânico tomou conta. Henrique correu de volta e os irmãos o seguiram, batendo a porta de casa e trancando o ferrolho. Encostados na madeira, arfando, ouviram passos lentos e pesados pisando na varanda, acompanhados pelo mesmo assobio macabro rondando as janelas.

A porta do quarto principal se abriu de golpe. Seu Zé surgiu na penumbra, segurando uma lanterna e uma espingarda de dois canos. Diante do desespero dos filhos ao relatarem o sumiço do caçula e o bicho lá fora, o velho não demonstrou surpresa. Silencioso, tirou dois cartuchos da cartucheira, segurou-os entre as mãos e murmurou uma rápida oração, abençoando o chumbo. Carregou a arma, abriu a porta da frente e disparou contra o céu.

BOOM!

O estrondo rasgou a noite e um uivo agudo ecoou por trás das moitas enquanto a criatura fugia. Em tom severo, seu Zé mandou que todos fossem dormir e proibiu qualquer um de pisar fora de casa até o amanhecer.

Na manhã seguinte, para espanto dos garotos, Arthur estava deitado em sua cama, dormindo profundamente. Contudo, suas solas estavam cobertas de lama seca, a pele cheirava a mato molhado e, ao redor de seus lábios, havia um rastro macabro de sangue seco. O pai ordenou que fingissem que nada havia acontecido, mas a verdade não pôde ser escondida por muito tempo.

Semanas depois, na lua cheia seguinte, os irmãos viram Arthur levantar-se em transe e pular a janela. Seguiram-no em silêncio até uma clareira isolada na floresta. Escondidos atrás de um tronco centenário, assistiram ao pesadelo: o corpo do caçula dobrou-se em um contorcionismo grotesco. Ossos se quebraram, a pele rasgou dando lugar a uma pelagem negra e densa, e dentes afiados emergiram de uma mandíbula deformada. Diante deles ergueu-se uma besta colossal e faminta.

O lobisomem ergueu o focinho, sentiu o cheiro dos meninos e soltou um rosnado grave.

— Corre! berrou João. Os três dispararam pela mata com a fera no seu encalço, sentindo o bafo quente do monstro na nuca. Ao despencarem no quintal, seu Zé já os aguardava de espingarda em riste. A enorme silhueta negra saltou da vegetação em direção ao grupo.

Naquele segundo eterno, seu Zé não viu um monstro. Viu a lembrança do filho pequeno rindo e correndo de braços abertos pelo quintal. Uma lágrima pesada queimou no rosto do velho, mas suas mãos não tremeram. Com o peito esmagado por uma dor insuportável, ele mirou no peito da fera e puxou o gatilho.

BOOM!

O clarão iluminou a noite. Atingida em cheio, a criatura soltou um uivo dolorosamente humano, rolou na terra e desapareceu no breu da floresta, sangrando. Desesperados, os garotos quiseram ir atrás do irmão, mas o pai os impediu com a voz embargada: enquanto a lua estivesse alta, aquela coisa os estraçalharia.

Quando o sol finalmente nasceu, seu Zé e os filhos seguiram as marcas de sangue no mato, mas o caminho se apagou na clareira. Nem a besta, nem Arthur jamais foram vistos novamente.

A ausência do caçula deixou um silêncio eterno naquela casa. E dizem que, até hoje, nas noites de lua cheia, quando o vento sopra forte do lado do mato, ainda dá

para ouvir um uivo distante e triste ecoando pelas colinas, não um rosnado de caça, mas o lamento doloroso de alguém que perdeu a própria casa.

A mão sangrenta

Luis Gustavo Naiate Jahn
Faculdade Senac Palhoça

Numa cidade pacata, existe uma igreja onde as crianças aprenderam uma regra antes mesmo de aprender a orar “Nunca abra a terceira cabine do banheiro feminino.” Dizem que, se você entrar lá durante a missa, ouvirá três batidas vindas de dentro. Toc, toc, toc. E se abrir a porta, o vaso começa a se encher de sangue devagar até transbordar e escorrer entre os azulejos gelados, chegando aos seus pés. E no espelho, uma mão vermelha aparece do lado de dentro do vidro, e atrás da pessoa aparecem fios de cabelo castanho que começam a se aproximar dela até enforcá-la. Por muito tempo, os adultos riram e disseram que era criatividade das crianças, alguns adultos até mesmo falavam que era falta de Deus.

Até o dia em que uma garota que não conhecia a lenda foi ao banheiro durante uma missa. O banheiro cheirava mal, um cheiro doce e azedo que nenhuma limpeza profunda tirava.

Ela ouviu as batidas. Toc, toc, toc. Perguntou:

— Tem alguém aí? ninguém respondeu. Então empurrou a porta. A cabine estava vazia, mas o chão estava coberto de mechas de cabelo castanho, algumas ainda molhadas. Ao levantar os olhos, viu no espelho uma mão de sangue estampada, e percebeu que ela não estava sobre o vidro. Estava atrás. Ouviu unhas raspando devagar, de dentro para fora. A menina saiu correndo, gritando, mas ninguém a escutou.

No dia seguinte, o zelador, que há meses reclamava do cheiro sem que ninguém o ouvisse, desparafusou o espelho. Encontrou uma inscrição riscada a unha na parede: o nome da menina que tinha sumido da igreja anos antes, e logo abaixo, “ Não foi ela que me levou.” Mas a parede era oca. Quando quebraram o reboco, havia um vão estreito e dentro dele o corpo de uma criança sentado. Ressecado, encolhido, com o cabelo castanho colado ao vidro pelo lado de trás, como se ela tivesse passado anos com o rosto encostado, olhando para o banheiro. O legista foi claro: a menina não tinha desaparecido no dia em que todos pensavam. Estava morta havia dois dias. Havia morrido de febre, sem médico e sem remédio, enquanto a mãe rezava ao lado da cama, certa de que a fé bastava. Quando a febre venceu, a mulher não aceitou.

Vestiu a filha, penteou seu cabelo e a levou à igreja no domingo seguinte, esperando um milagre. Sentou a menina no banco de sempre, apoiou a cabeça dela em seu ombro e sorriu para quem perguntava: “Ela só está com sono, é a febre.” As pessoas notaram a pele gelada, o cheiro e os olhos que nunca abriam. Ninguém quis ver.

Quando o milagre não veio e o corpo já não podia mais ser escondido, a mãe o levou ao banheiro e o emparedou atrás do espelho, onde ainda pudesse ficar perto dela durante as missas. Pouco depois, a mãe da menina voltou à igreja pela primeira vez em anos. Ao entrar no banheiro, a marca de mão apareceu no espelho, uma pequena, de criança, e depois uma maior. Ela ficou olhando, até ouvir as batidas na terceira cabine. Toc, toc, toc. Não abriu. Caiu de joelhos, chorando e sussurrou:

— Me perdoa. todas as luzes se apagaram.

Quando voltaram, a mulher tinha sumido e no chão ficou apenas uma fotografia antiga, tirada dois dias antes do desaparecimento da menina. Na fotografia, a mãe estava sorrindo, e a filha, apoiada em seu braço, de olhos fechados, com a cabeça pendendo de lado. Na época, ninguém percebeu que a menina da foto já estava morta. O corpo foi enterrado, o espelho foi trocado, o banheiro foi lavado com água sanitária. Mas dizem que a terceira cabine nunca mais ficou vazia. Às vezes, durante a missa, alguém ouve as três batidas. Toc, toc, toc. E, ao olhar para o espelho, vê primeiro a mão pequena, depois a grande, e por último uma terceira mão surgindo devagar no vidro, do lado de dentro, como se alguém encostasse a palma no outro lado.

Dizem que essa mão nunca é igual, porque pertence à próxima pessoa a desaparecer. Repare no anel, na pulseira, na cicatriz. É sempre a sua. Então, os fios de cabelo castanho saem pelas frestas do espelho, um a um, e se enrolam no seu pescoço. Apertam devagar. E no vidro embaçado aparece a mensagem, escrita de dentro para fora: “Agora você sabe o que aconteceu com ela”. Você tenta gritar, mas já não tem ar.

Sentimentos

Suélen Marques de Moraes
Faculdade Senac Palhoça

Diziam que existia uma casa abandonada onde ninguém conseguia ficar por mais de uma hora.

Não havia fantasmas, não havia sangue nas paredes e não havia monstros escondidos no porão.

O problema era o que a casa fazia você sentir.

Certa noite, uma garota chamada Elen entrou lá por curiosidade. Assim que fechou a porta, encontrou cinco outras portas no corredor, cada uma com uma palavra escrita: MEDO. RAIVA. SAUDADE. CULPA. e AMOR. A primeira porta se abriu sozinha.

Era o Medo.

Elen entrou e encontrou uma versão dela mesma sentada no chão, abraçando os joelhos.

— Você sabe do que eu tenho medo? Perguntou a garota.

Elen balançou a cabeça.

— De descobrir que aquilo que eu mais temo já aconteceu.

Quando Elen saiu, percebeu que estava tremendo.

A segunda porta era a Raiva.

Dentro dela, havia centenas de espelhos. Em cada um, Elen via alguém que já havia magoado. Quanto mais olhava, mais os espelhos começavam a dizer:

— Você tinha razão.

— Eles mereciam.

— Não perdoe ninguém.

Elen fechou os olhos e saiu correndo.

A terceira porta era a Saudade.

Era o quarto mais bonito da casa.

Havia fotografias, músicas antigas e objetos que lembravam pessoas que Elen amava. Ela quase ficou, mas percebeu uma coisa estranha: todas as fotografias mostravam pessoas que já tinham ido embora.

Ela saiu.

Então chegou à porta da Culpa.

Ali havia somente uma cadeira e uma voz atrás dela.

— Sente-se.

Elen se sentou.

— Lembra daquela vez em que você poderia ter feito diferente?

— Sim.

A voz continuou.

— E de todas as vezes em que você achou que era culpa sua?

Elen começou a chorar.

Então a voz sussurrou:

— Eu nunca preciso inventar nada. Você mesma me alimenta.

Ela se levantou e abriu a última porta.

AMOR. Esperava encontrar algo bonito, mas encontrou um quarto completamente vazio. No centro havia apenas um espelho. Ela olhou para o próprio reflexo. Então ele disse:

— Finalmente.

— Finalmente o quê? ela perguntou.

O reflexo colocou a mão contra o vidro.

— Finalmente você chegou até mim.

— Sou tudo aquilo que você sentiu e fingiu não sentir.

O espelho começou a rachar.

— O medo que você escondeu.

— A raiva que você engoliu.

— A saudade que você fingiu superar.

— A culpa que você carregou.

— E o amor que você teve medo de admitir.

“Sentimentos ignorados não desaparecem. Eles aprendem a esperar.”

Na manhã seguinte, encontraram a casa vazia. Mas, desde então, quem passa diante dela às vezes escuta uma garota sussurrando do lado de dentro:

— Qual sentimento você está tentando esconder?

Santa Maria

Gabriel de Quadra Alves Pereira
Senac Rio do Sul

Tinha uma escola bem grande lá, o Colégio Santa Maria, que em 2003 tinha uma menina chamada Bianca. Loira, bonita, popular, filha de gente com dinheiro. Só que ela sofria bullying pesado por trás, porque o pessoal falava que ela só tinha entrado no time de vôlei porque o pai dela pagou a reforma da quadra, e as outras meninas que treinavam há anos ficaram com raiva e começaram a pegar no pé dela todo dia.

Um dia, no intervalo, trancaram a menina no banheiro do terceiro andar. O banheiro que vivia fechado porque tinha vazamento. Três meninas seguraram a porta e começaram a jogar papel higiênico molhado por cima, rindo dela. Ela gritava para abrir a porta.

Ela ficou tão nervosa que escorregou no chão molhado e bateu a cabeça na quina da privada. Bateu muito forte. Quando as meninas abriram a porta, ela já estava desmaiada, sangrando. Elas ficaram com medo e fugiram, deixaram ela lá.

A faxineira só a encontrou 40 minutos depois, já estava morta. A escola abafou tudo e falou que foi acidente, que ela caiu sozinha. Interditaram o banheiro e nunca mais abriram. Passou um ano e reformaram tudo, virou um banheiro normal de novo.

Só que as meninas que faziam vôlei começaram a notar umas coisas. Sempre que alguém ia sozinha no banheiro do terceiro andar, a porta da última cabine estava trancada por dentro. E se você olhava por baixo, via um pé de tênis branco, igual o que a Bianca usava.

E começou a praga: se você entrasse lá e falasse o nome dela 3 vezes na frente do espelho, a luz piscava. Aí você ouvia papel higiênico sendo amassado na cabine do lado, e alguém chorando baixinho.

Teve uma menina em 2019, ela era do 9º ano. Ela era daquelas que não acreditava em nada, bem bocuda. As amigas a desafiaram na hora do intervalo: “Duvido tu entrar lá e falar o nome dela.”

Ela foi sozinha, trancou por dentro a porta do banheiro do terceiro andar e começou a chamar “Bianca, Bianca, Bianca” no espelho, rindo.

No começo nada. Só o silêncio. Aí ela escutou a descarga da última cabine disparar sozinha. E a torneira abriu. Ela olhou por baixo da porta da cabine e viu o tênis branco, todo sujo de sangue. Quando ela levantou a cabeça, no espelho, atrás dela, estava a Bianca. Loira, de uniforme, mas com a testa aberta no meio, sangue escorrendo no rosto todo, e com uma tesoura de escola na mão.

Diz que ela gritou tão alto que escutaram do pátio. A inspetora teve que arrombar a porta porque ela tinha trancado por dentro e estava desmaiada no chão, toda molhada, com o cabelo encharcado de água da pia.

Quando acordou na enfermaria, ela estava com uma mecha enorme do cabelo cortada. Cortada na tesoura, torto, bem rente ao couro cabeludo. E ela não lembrava de ter cortado, só lembrava de alguém puxando o cabelo dela com força e falando no ouvido: “agora você fica feia que nem eu.”

Depois disso soldaram a porta. Está trancada até hoje.

Só que o estranho é: eu fui atrás da lista de alunos de 2003 e não tem nenhuma Bianca matriculada naquele ano. E as inspetoras mais velhas falam que aquele banheiro nunca foi interditado por acidente, e sim porque acharam um monte de cabelo loiro entupindo o ralo, mas ninguém sabe de quem era. Então quem era a menina do espelho?

A lenda do sétimo arco

Maria Luiza Marcon Domingos
Senac Rio do Sul

Rio do Sul possui duas coisas que nunca dormem: o rio e a Ponte dos Arcos. Por isso, a lenda mais antiga da cidade não é contada de dia, mas sim, à meia-noite, quando as neblinas dos morros descem e cobrem toda a catedral.

Oficialmente, a ponte tem seis arcos. Mas quem é morador de verdade sabe que tem sete arcos. O sétimo arco não se vê a olho nu, mas sim no reflexo das águas do rio quando ele está prestes a encher.

Em 1933, quando o município ainda se tornava o que conhecemos atualmente, a ponte chegou trazendo o progresso que a cidade precisava. A obra avançava dia e noite. O concreto era despejado manualmente, dentro de formas de madeira no meio do rio.

Numa madrugada de chuva, o rio subiu sem avisar. Os operários correram para salvar suas vidas pelas margens do rio. Emílio, um dos operários mais dedicados que estava sempre acompanhado de sua picareta, não conseguiu sair a tempo de deixar o pilar central, o mais fundo de todos. Ele escorregou e caiu em uma forma ainda cheia de concreto que não havia tido tempo de secar.

Na manhã seguinte, o concreto havia endurecido. O encarregado responsável pela obra não podia mais atrasar os trabalhos. Ele então olhou para o pilar seco, desviou seu olhar para o rio que estava marrom por conta das margens barrentas ao redor dele e mandou que continuassem a obra. O corpo de Emílio ficou lá, sem as pessoas sequer notarem o seu sumiço e sem sequer procurarem seus últimos rastros.

Desde então, a ponte ficou em pé mas nunca vazia.

Antes de todas as enchentes grandes que atingiram a cidade: 1983, 2011 e 2023, o rio sempre avisava da mesma maneira e só quem fica perto da ponte é capaz de ouvir.

O primeiro aviso sempre será o som. Por voltas das três horas da manhã, um dia antes de uma grande enchente vir, quem está por perto ouve. É um Tec... Tec... Tec... metálico, abafado, vindo de dentro de um pilar específico da ponte, como se alguém estivesse batendo com uma picareta do lado de dentro, tentando quebrar o pilar.

O segundo aviso sempre será o reflexo, se você tiver coragem o suficiente de parar no meio da ponte em uma dessas noites sem nenhuma luz, olhar diretamente para a água, você não verá seis arcos refletidos, mas sim sete. O sétimo arco é mais escuro que os outros, não reflete luz alguma, e se você olhar muito fixamente, é possível ver a alma de um homem usando um chapéu de obra e segurando uma picareta.

Meu avô sempre me disse que a ponte nunca caiu porque tem alguém a segurando por dentro. No dia que os barulhos parassem, não significaria que ele havia finalmente saído de lá, mas sim que sua alma tinha cansado de segurar aquela ponte depois de todas as enchentes. E no dia que ele saísse aquela ponte seria levada pelo rio.

Até hoje, quando recebemos um alerta da Defesa Civil, entre um alerta e outro, se ficarmos em silêncio absoluto em cima da ponte, podemos ouvir um último Tec.

Ele ainda está tentando sair.

E por enquanto a ponte ainda está de pé.

O sino das 18h

Vitor Hugo Longen
Senac Rio do Sul

Dizem que, em uma pequena cidade, existe uma velha torre com um sino que toca todos os dias exatamente às 18 horas. Os moradores já estão acostumados com o som, mas existe uma história que os mais velhos sempre contam: se o sino tocar 13 vezes, ninguém deve ficar na rua. Segundo eles, isso aconteceu pela primeira vez há mais de 40 anos, quando três jovens desapareceram sem deixar pista nenhuma.

Por muito tempo, ninguém levou a história a sério, mas, mesmo assim, os moradores evitavam ficar na rua. Até que, certa tarde, três amigos estavam voltando para casa e ouviram o sino tocar. Uma, duas, três... Quando chegaram ao décimo segundo toque perceberam que alguma coisa estava errada. Então veio o décimo terceiro. A rua ficou completamente vazia, os carros pararam e até os sons da casa desapareceram. Assustados, os três correram para a praça e encontraram o relógio antigo parado exatamente em 18h13. Depois de alguns segundos, o sino tocou mais três vezes e as luzes da cidade começaram a se apagar. Eles correram para casa e, quando chegaram, tudo tinha voltado ao normal.

No dia seguinte, os três não apareceram na escola. As famílias procuraram por eles por toda a cidade, mas ninguém encontrou nenhum sinal. A única coisa estranha aconteceu na velha loja da praça: uma fotografia antiga, que mostrava os três jovens desaparecidos de 40 anos atrás, havia mudado. Agora, os três amigos também apareciam na fotografia, usando as roupas que estavam vestindo no dia anterior. Desde então, os moradores passaram a acreditar na história do sino. E quando o relógio se aproxima das 18 horas, todos procuram estar dentro de casa. A fotografia continua pendurada na loja e, até hoje, ninguém conseguiu explicar como três pessoas desaparecidas apareceram em uma foto tirada décadas antes.

Você vai deixar a janela aberta?

Naiara Weiss Machado
Faculdade Senac São Bento do Sul

Amigos imaginários são comuns na infância, mas às vezes, eles não são só imaginação.

Quando eu era criança sempre me disseram para nunca deixar a janela aberta depois do pôr do sol e, caso esquecesse, sempre deveria deixar brinquedos próximos a janela.

Naquela época eu achava que era apenas invenção dos adultos, minha mãe dizia que sempre que a noite caia, uma garotinha aparecia do lado de fora da janela, batia três vezes e ficava imóvel olhando para dentro do quarto até que alguém a visse.

Mas havia uma estranha regra, caso a janela pela qual a garota fosse vista estivesse fechada, ela apenas observaria, olhando os brinquedos dentro do quarto, porém se estivesse aberta, ela entraria.

Ninguém sabia ao certo quem era a garota, alguns diziam que há muito tempo uma garotinha ficou presa para fora de casa durante o inverno, apenas com seu ursinho de pelúcia, ela bateu três vezes na janela do quarto de seus pais mas ninguém respondeu e então ela desapareceu. Diziam também que, após alguns anos, crianças começaram a falar para os pais que uma menina na janela perguntou a elas se queriam brincar, e que ela nunca dizia o próprio nome. Mas todos concordavam que ela não parecia demonstrar nenhum tipo de perigo para as crianças.

Uma noite, me esqueci completamente do aviso e fui dormir, não percebendo que a janela estava aberta e meus brinquedos espalhados pelo chão do quarto. No meio da noite, acordei assustada, ouvindo o som de algo sendo arrastado no chão, sentei-me na cama e vi uma garota parada na frente da janela, ela aparentava ter a minha idade na época, usava um vestido velho e desbotado, sujo de algo que parecia terra, os cabelos escuros caindo na frente de seu rosto pálido, seus pés estavam descalços e ela segurava um ursinho de pelúcia rasgado firmemente contra o peito, a vontade de gritar que me envolveu era grande, mas assim que a garota olhou para mim ela sorriu e disse com a voz baixa:

— Você não vai me apresentar seus brinquedos?

Mesmo com medo apontei para o chão, ela se sentou e começou a brincar, enquanto me contava em voz alta as histórias que criava e os nomes que deu a cada um deles, conversando comigo como se nos conhecêssemos há anos.

Ela falou que gostava de visitar crianças que se sentiam sozinhas, para que não acabassem como ela, e que não podia entrar em quartos que não tivessem brinquedos pois não saberia o que fazer e só atrapalharia. Me disse que morava do lado de fora quando a perguntei, e em certo momento peguei no sono sem perceber.

Na manhã seguinte, a janela estava fechada, todos os brinquedos organizados em cima da cama e havia pequenas marcas de pés molhados na janela, mesmo que na noite anterior não tivesse chovido. Depois daquilo, nunca mais deixei as janelas abertas.

Anos se passaram, eu havia me mudado e crescido, tendo esquecido da história completamente, até que certa noite minha filha correu até meu quarto e disse que tinha uma menina olhando para dentro do quarto, eu perguntei se ela havia fechado a janela e ela balançou a cabeça negando, fazendo suas marias-chiquinhas balançarem.

— Não, mas ela disse que queria brincar.

Corri até o quarto e fechei a janela, então a vi do lado de fora, a mesma menina com vestido velho e cabelos escuros que segurava um ursinho contra o peito, ao me olhar ela sorriu e bateu na janela três vezes, atrás de mim minha filha começou a chorar, dizendo que a menina só queria brincar, então peguei alguns brinquedos e os coloquei no parapeito da janela assim como minha mãe fazia quando eu era criança. A garotinha olhou para os brinquedos ainda sorrindo, acenou para mim e depois desapareceu lentamente na escuridão.

Desde então, toda noite, minha filha arruma os brinquedos com cuidado ao lado da janela, dizendo que é para caso a menina apareça e queira brincar de novo. E às vezes, quando a noite está sem lua e totalmente escura, ouço uma voz do lado de fora da janela, falando baixinho.

— Amanhã você vai deixar a janela aberta?

Dia de los Muertos – A última vela

Heloisa Vitória Smolski
Faculdade Senac São Bento do Sul

Existe uma antiga história que as pessoas contam sobre uma noite do Día de los Muertos no México. Relatos contam que há alguns anos uma família preparou uma oferenda para homenagear seus parentes que haviam falecido. Na oferenda, colocaram algumas fotografias de seus rostos, comidas, flores e velas como de costume. A família morava em uma casa antiga numa pequena cidade onde todos se conheciam. Os mais velhos costumavam contar histórias sobre coisas estranhas que aconteciam durante essa noite, mas ninguém da família acreditava. Para eles aquela noite seria apenas uma oportunidade de lembrar os parentes que já não estão mais ali.

Naquela noite depois que todos foram dormir, uma das velas se apagou sozinha, a família não deu muita importância, mas na manhã seguinte perceberam que uma das fotografias da oferenda estava virada para baixo. A princípio pensaram que alguém tinha encostado na mesa, eles colocaram-na em seu lugar e continuaram com a comemoração normalmente.

No dia seguinte a mesma coisa aconteceu, a vela se apagou novamente e a fotografia ficou virada para baixo, dessa vez havia pétalas de flores espalhadas pelo chão formando um pequeno caminho que terminava em frente à porta dos fundos da casa. Dessa vez, ninguém conseguiu encontrar uma explicação. Todas as janelas estavam fechadas e a porta permanecia trancada desde o começo daquela noite. Mesmo assim as pétalas estavam ali, como se alguém tivesse deixado aquele caminho de propósito.

Durante a madrugada uma das pessoas da casa ouviu um barulho de uma cadeira sendo arrastada. Quando foi olhar, viu que a cadeira estava afastada da mesa em frente à oferenda. Ninguém havia mexido nela. A pessoa voltou para o quarto sem tocar na cadeira. Na manhã seguinte ela estava novamente no mesmo lugar onde costumava ficar. Ninguém comentou sobre o assunto, mas todos começaram a ficar desconfortáveis com o que estava acontecendo.

A partir daquela noite a família começou a perceber algumas mudanças. Objetos apareciam em lugares aleatórios, as velas apagavam mesmo quando não

havia vento e, algumas vezes era possível encontrar novas pétalas espalhadas pela casa. O mais estranho era que as mudanças sempre aconteciam durante a madrugada. Nunca ninguém havia acordado para ver o que acontecia. Quando todos iam dormir, a casa estava normal. Quando acordavam alguma coisa estava diferente.

Antes de dormir a família apagou todas as velas da oferenda e foram para seus quartos. Na manhã seguinte encontraram uma única vela acesa.

A família tentou apagá-la, mas sua chama continuava ardente. Dizem que depois desse dia, a família nunca mais contou o que aconteceu naquela casa.

Algumas pessoas dizem que a família deixou a cidade pouco tempo depois. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu com eles porque a história foi contada por diferentes pessoas e cada uma acrescentou uma parte diferente.

Até hoje existe quem diga que, durante o Día de los Muertos algumas casas podem receber uma visita que não estava sendo preparada. Por isso algumas pessoas que conhecem a história evitam deixar a oferenda perto da porta ou permanecer sozinhas durante a madrugada, não porque a tradição seja assustadora, mas porque ninguém sabe ao certo o que realmente aconteceu naquela antiga casa.

Uma regra passou a ser repetida por quem conhece essa história:

Nunca deixe uma vela acesa durante o dia seguinte e nunca siga um caminho de pétalas que apareceu dentro de sua casa durante a madrugada porque, segundo a lenda, as flores não aparecem para mostrar de onde alguém veio. Elas aparecem para mostrar para onde alguém está indo. Se o caminho terminar na sua porta talvez seja melhor não descobrir quem está do outro lado.

Algumas visitas não precisam bater na porta para conseguir entrar.

Depois da cortina

Stefani Mendonça
Faculdade Senac São Bento do Sul

Há dez anos, vivia uma garotinha chamada Amélia, de mais ou menos 8 anos, que passava muito tempo na casa de sua avó, brincando no jardim até sua mãe voltar do trabalho. Em frente à casa de sua avó, existia uma grande casa, sem pintura, com grandes janelas e cortinas brancas. Ela parecia abandonada. Na verdade, deveria estar...

Certo dia, Amélia brincava com suas bonecas, o que já era rotina para ela, quando, de repente, percebeu algo diferente naquela casa grande e escura. Começou a ventar muito em uma das janelas, as cortinas brancas iam de um lado para o outro. Foi então que a garotinha avistou uma senhora toda de branco, com uma aparência pálida e semblante sério.

A menina se assustou e ficou confusa, sem saber se o que via era real. Por curiosidade perguntou a sua avó se alguém ia ou morava naquela casa, mas a avó respondeu que o casal de idosos que morava ali já havia morrido há muitos anos e que nem sequer eles tinham família.

Então Amélia resolveu esquecer aquilo pois pensou que era coisa da sua cabeça. Porém, outro dia, quando brincava com suas primas, ela percebeu aquele vento novamente e a senhora estava naquela mesma janela. Então, ela mostrou para suas primas que também avistaram a senhora, elas relataram que também já tinham visto a senhora em outras janelas da grande casa. Foi aí que Amélia percebeu que não era a única a vê-la.

Certo dia, Amélia tomou coragem e foi até a frente da casa para ter certeza do que tinha visto, e a senhora estava lá naquela grande janela. Ela então, ficou mais assustada e chamou sua avó para ver aquilo. Chegando lá ela pediu para a avó olhar a grande janela com cortinas brancas, porém quando a avó foi ver a senhora simplesmente sumiu. Amélia tentou chamar outros adultos para mostrar o que via, mas toda vez que alguém tentava ver ela sumia da janela, como se não quisesse ser descoberta.

Anos se passaram. Amélia cresceu, e a antiga casa foi demolida. Em seu lugar, construíram uma pequena fruteira. Com o tempo Amélia quase se esquece daquela

senhora. Certo dia passando ali Amélia foi visitar sua avó e lembrou da infância. Também se lembra daquela senhora e percebe que a casa não está mais ali. Então, avista uma criança olhando fixamente para as portas da fruteira, e apontando para lá. Ela fica curiosa, e pergunta o que a criança tanto olha, a criança aponta para a porta, mas Amélia não vê absolutamente nada. Ela pergunta à criança o que ela estava vendo, então a criança começa a descrever, uma senhora com rosto pálido, roupas brancas, e cabelos grisalhos compridos ao vento.

Amélia acha aquilo familiar, mas continua sem ver, então a criança fala que a senhora também tinha um colar com uma cruz, ali Amélia fica em choque! Pois esse era um detalhe que ela já tinha visto quando criança, mas nunca tinha contado a ninguém. Novamente, Amélia tenta ver a senhora, porém não vê nada. A criança diz a ela que a senhora tinha ido para outra janela. Amélia sente um arrepio e olha novamente para janela do outro lado da fruteira. Dessa vez, também não havia ninguém.

Mas quem era aquela senhora? Por que algumas pessoas conseguiam vê-la e outras não? E por que, depois de tantos anos, ela ainda estava lá aparecendo para crianças?

Nunca entre

Cauê Henrique Muller
Faculdade Senac São Miguel do Oeste

Dizem que existe uma loja que não aparece em nenhum mapa. Ninguém sabe quem construiu a loja, quem é o dono ou de onde veio. Durante o dia, não existe nada no lugar, mas depois da meia-noite a loja pode aparecer em qualquer lugar: no fim de uma rua, em um estacionamento vazio, no meio de uma estrada ou até mesmo em um lugar onde nunca existiu nenhuma construção. Quem conhece a história diz que é fácil reconhecer. É uma loja velha, com uma porta de vidro e uma placa iluminada por uma luz fraca. Na placa existe apenas uma palavra: “ABERTO”. E existe uma regra: nunca entre.

Por dentro, no começo, ela parece uma loja normal. As prateleiras estão organizadas, as luzes estão acesas e os corredores parecem comuns. Nada parece perigoso. Mas isso muda depois de algum tempo. Quanto mais a pessoa anda, maiores ficam as prateleiras. Os corredores começam a parecer mais compridos e as luzes começam a piscar. A pintura das paredes fica velha e o chão começa a ficar sujo.

Os produtos também mudam. Algumas embalagens estão abertas, outras estão vazias e algumas parecem ter sido mexidas por alguém. Às vezes existem coisas jogadas no chão, como uma garrafa, uma mochila ou até um sapato. Pequenas coisas que fazem a pessoa perceber uma coisa: ela não foi a primeira a entrar.

Depois começam as sombras. Enquanto anda pelos corredores, a pessoa pode ver alguma coisa pelo canto do olho. Uma silhueta parada entre as prateleiras. Quando olha diretamente, não tem nada. Ela continua andando e então vê de novo, dessa vez mais perto. Às vezes são apenas dois olhos no escuro. Outras vezes parece ser uma pessoa olhando de longe, mas sempre desaparece quando ela tenta chegar perto.

Depois começam os sons. Primeiro são passos. A pessoa para e os passos param também. Ela volta a andar e os passos voltam. Às vezes parece que alguém está correndo em algum corredor próximo. Outras vezes dá para ouvir uma respiração pesada. Mas nunca aparece ninguém.

Então a pessoa tenta voltar e percebe que o corredor por onde passou não existe mais. Uma prateleira que estava de um lado aparece do outro e uma porta surge onde antes só havia uma parede. E a entrada simplesmente desapareceu. É nesse momento que ela entende: a loja não é apenas grande. Ela não tem fim.

Segundo a lenda, quanto mais tempo alguém fica lá dentro, mais coisas começa a esquecer. Primeiro esquece o caminho, depois esquece por que entrou e, com o tempo, começa a esquecer sua casa, seus amigos e as pessoas que ama. Até chegar ao ponto de esquecer o próprio nome. E as criaturas continuam observando. Elas ficam escondidas entre as prateleiras. Às vezes passam rapidamente no fim de um corredor e outras vezes ficam paradas apenas olhando. Elas sabem que não precisam fazer muita coisa. É só esperar.

Quando a pessoa já está perdida e não consegue mais saber o que é real, as criaturas começam a se aproximar. Ninguém sabe exatamente o que acontece depois, mas dizem que a pessoa muda. Ela deixa de lembrar quem era e passa a fazer parte da loja. As criaturas não veem essas pessoas como monstros. Para elas, são membros da família. Uma família que vive dentro daqueles corredores e que nunca para de crescer.

Por isso, quando alguém novo entra, elas tentam convencer essa pessoa a ficar. Dizem que ela não precisa ter medo e que nunca mais vai ficar sozinha. Às vezes fingem ser outras pessoas que também estão perdidas, tudo para ganhar sua confiança. Tudo para fazer com que ela fique.

E, quando finalmente conseguem, a pessoa passa a fazer parte deles. Depois disso, ela começa a andar pelos mesmos corredores que antes a assustavam, observando, esperando e procurando outra pessoa.

É por isso que dizem que a loja continua aparecendo depois da meia-noite. Talvez existam dezenas de criaturas lá dentro. Talvez centenas. Talvez todas as pessoas que desapareceram sem deixar notícias estejam caminhando por aqueles corredores.

Então, se algum dia você estiver voltando para casa depois da meia-noite e encontrar uma loja que nunca viu antes, não entre. Não abra a porta. Não tente descobrir o que existe lá dentro. Porque talvez ela não esteja procurando clientes. Talvez esteja procurando alguém para fazer parte da família. E se você entrar e ouvir uma voz vindo do fundo da loja dizendo que você não precisa ter medo, não responda.

Porque aquela voz pode pertencer a alguém que entrou antes de você. Alguém que esqueceu o próprio nome. Alguém que esqueceu o mundo lá fora.

A lenda do Quebra-Membros

Felippe Gabriel Bazzotti
Faculdade Senac São Miguel do Oeste

Nas entranhas da mata nativa do Extremo Oeste catarinense, muito antes de a madeira virar tábua e os imponentes pinheirais tornarem-se memória folclórica, a terra guardava o que os antigos caboclos e primeiros tropeiros chamavam de A Coisa das Picadas.

Contam os moradores mais velhos da região que, no início dos anos 1940, quando os pioneiros enviados pela colonizadora Barth, Benetti & Cia. Ltda. avançavam sobre o sertão, a floresta não aceitou a lâmina do ferro sem exigir um tributo de sangue e pavor. O povoado, que mais tarde viria a se chamar São Miguel do Oeste, era uma extensão quase inexplorada de mato fechado, rasgada apenas pelas antigas trilhas deixadas anos antes pelos soldados da Coluna Prestes.

À medida que os toreiros se aprofundavam na mata fechada perto da nascente do Rio Guamirim, abrindo espaço a golpe de machado e serrote manual, um arrepio estranho passou a tomar conta dos acampamentos. Não era o medo comum de cobras ou de pumas. Era algo diferente. Entre o farfalhar das copas das grápicas e o estalar dos pinheiros centenários, ecoava ao anoitecer um som seco e ritmado: um arranhar profundo na casca grossa das árvores, seguido por um assobio fino e agudo que parecia vir de lugar nenhum e, ao mesmo tempo, de todas as direções.

Os poucos trabalhadores que o viram nas sombras da noite e conseguiram escapar para contar a história descreviam uma abominação nascida da própria raiva da terra profanada: a criatura passou a ser conhecida como O Quebra-Membros. Ele não tinha a forma de um animal comum. Era uma estrutura grotesca e desproporcional, uma amálgama viva feita de galhos retorcidos, raízes pretas cobertas de lama e ossos de animais vitimados na floresta. Sustentava-se sobre braços longos e assimétricos que se arrastavam pesadamente pelo chão, deixando sulcos profundos na terra roxa. Onde deveria haver um rosto humano ou animal, existia apenas uma fenda vertical cercada por pontas de madeira lascada, de onde saía uma respiração quente com cheiro forte de umidade, musgo e podridão.

A fera caçava ao cair da tarde, aproveitando-se do cansaço dos homens que derrubavam as árvores. Ela utilizava a própria mata a seu favor, imitando sons

familiares para atrair suas vítimas. Por vezes, reproduzia o eco distante de machadadas, fazendo com que um trabalhador imaginasse que outro companheiro precisava de ajuda; em outras ocasiões, imitava o choro baixinho de uma criança perdida no meio da vegetação densa. Os homens que cediam à curiosidade e seguiam o som para além da linha dos acampamentos nunca mais retornavam. Na manhã seguinte, as equipes de busca encontravam apenas as ferramentas de corte dobradas e contorcidas como se fossem feitas de arame, além de grandes marcas de arrasto na lama que desciam em direção a uma grota funda e escura, ao mesmo local onde hoje se encontra a Gruta Nossa Senhora de Lourdes.

A rotina de pavor e o desaparecimento de trabalhadores quase interromperam os trabalhos de colonização da Vila Oeste. O desespero só começou a dar lugar à esperança em meados de 1943, quando os colonos e as famílias recém-chegadas decidiram erigir a primeira capela de madeira no povoado e buscaram consolo na fé, escolhendo São Miguel Arcanjo como o santo padroeiro e protetor daquelas terras hostis.

Reza a lenda que, na noite que antecedeu a bênção da capela, uma tempestade avassaladora caiu sobre o povoado. Raios cortavam o céu e o vento uivava nas frestas dos ranchos de taquara. No auge da tempestade, enquanto os moradores rezavam ajoelhados no rústico templo, um estrondo ecoou pela grota. Os antigos afirmam que o próprio São Miguel Arcanjo desceu em um feixe de luz cortante sobre a serra e fincou uma espada invisível na entrada da rocha, empurrando o Quebra-Membros para as profundezas do subsolo e aprisionando a criatura sob as rochas da nascente. No local onde a espada do arcanjo teria tocado a terra, uma mina de água cristalina começou a jorrar. Com o passar das décadas, a comunidade construiu ali a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, e aquela água passou a ser venerada por suas propriedades e pela paz que transmite a quem a visita.

No entanto, o passado não desapareceu por completo. Quem caminha sozinho pelas proximidades das grotas e áreas arborizadas da cidade em noites frias de neblina jura que, ao afastar-se do ruído dos carros e prestar atenção ao farfalhar do vento nas árvores, ainda é possível ouvir um arranhar distante na madeira e o estalar de raízes se contorcendo sob a terra, como se a antiga abominação ainda estivesse lá no fundo, rastejando nas trevas, pacientemente à espera de que a proteção divina do lugar seja esquecida.

Caminhada fantasma

Victor Bondan
Faculdade Senac São Miguel do Oeste

Em uma pequena cidade hoje chamada Descanso, muito tempo atrás, a região foi utilizada por colonizadores que vieram de muito longe procurando um lugar para ficar. Depois de dias andando, chegaram a um lugar que os assombraria pelo resto de suas vidas. Aquelas terras eram consideradas amaldiçoadas por uma antiga tribo de nativos que vivia ali havia muito tempo. O ano era 1924, quando um grande grupo, com mais de 1.500 colonizadores, chegou à região procurando um lugar para viver. O que eles não sabiam era que aquela terra escondia algo que poderia colocar todos em perigo.

Quando chegaram, começaram a construir tendas e casas improvisadas. Durante a primeira noite, enquanto todos descansavam, um homem que estava inquieto por ter abandonado sua família, saiu para respirar. Enquanto observava o céu, foi atacado pelo ser que, segundo a lenda, habitava aquelas terras. Na manhã seguinte, encontraram seu corpo no chão. No começo, pensaram que havia sido atacado por um animal, mas logo perceberam que os cortes pareciam ter sido feitos por uma arma humana. Ao lado do corpo havia marcas que indicavam o uso de um machado.

O medo tomou conta do acampamento. Alguns queriam ir embora, mas o grupo estava cansado e quase sem água e comida. Durante o dia, alguns homens saíram para procurar recursos e encontraram um pequeno riacho. Perto dali, também encontraram um pedaço de madeira preso ao tronco de uma árvore, coberto por marcas profundas que pareciam formar símbolos desconhecidos.

Naquela noite, ninguém conseguiu dormir tranquilamente. Todos permaneceram próximos às fogueiras, atentos aos sons da mata. De repente, uma das fogueiras se apagou. Depois outra, e mais outra. A escuridão começou a cercar o acampamento. Um dos homens pegou uma tocha e entrou alguns metros na mata. Pouco depois, foram ouvidos dois golpes secos vindos de longe. Depois disso, tudo ficou em silêncio.

Na manhã seguinte, encontraram a tocha caída no chão. Não havia sinais do homem, nem pegadas que mostrassem para onde ele tinha ido. No tronco de uma

árvore próxima havia uma nova marca, muito mais profunda que as anteriores. Parecia ter sido feita recentemente. Naquela tarde, enquanto organizavam suas coisas para partir, uma criança percebeu uma figura parada entre as árvores. Um dos homens se aproximou, mas a figura desapareceu. No lugar onde ela estava, encontraram apenas um velho machado. Ninguém sabia de quem era.

Durante a noite, novos passos começaram a ser ouvidos ao redor das tendas. Eram lentos e pareciam circular o acampamento. Depois de alguns minutos, os passos pararam. Quando amanheceu, encontraram pegadas de barro dentro de uma das tendas. Elas começavam do lado de fora e terminavam no centro, sem continuar para nenhum outro lugar. O grupo decidiu partir imediatamente. Caminharam pela mata durante horas, mas começaram a perceber que estavam passando pelos mesmos lugares. A árvore marcada, o riacho e algumas pedras apareciam novamente. Para ter certeza de que não estavam andando em círculos, um dos homens marcou uma árvore com seu machado. Mais tarde, encontraram a mesma árvore, mas havia uma segunda marca ao lado da primeira, embora ninguém tivesse feito aquilo.

Naquela noite, decidiram não acender fogueiras. Permaneceram juntos, esperando o amanhecer. No silêncio da mata, começaram a ouvir uma respiração pesada e próxima. Depois, vários passos surgiram entre as árvores, como se muitas pessoas estivessem caminhando ao redor do acampamento. Por alguns instantes, várias sombras apareceram entre as árvores. Quando a luz voltou a iluminar a mata, não havia ninguém. No centro do acampamento havia apenas um pedaço de madeira com uma frase gravada: “O primeiro já foi encontrado.” Depois disso, novas pegadas apareceram ao redor das tendas, formando um círculo perfeito. No centro estava novamente o velho machado. Ao lado dele havia uma marca desconhecida no chão. Ninguém sabia o que aquilo significava. Talvez o primeiro homem encontrado morto não tivesse sido a primeira vítima. Talvez tivesse sido apenas o primeiro que conseguiram encontrar.

Até hoje, ninguém sabe exatamente o que aconteceu naquela noite. Alguns acreditam que os colonizadores conseguiram deixar aquelas terras, enquanto outros dizem que alguns nunca conseguiram sair. Há também quem diga que, quando a noite cai e a mata fica em silêncio, ainda é possível ouvir passos entre as árvores. Passos de pessoas que caminham sem nunca chegar a lugar algum. E, em algum ponto

daquela floresta, talvez ainda exista a árvore com as marcas, esperando pela próxima caminhada.

A voz que veio depois

Raíssa Carara Gomes
Faculdade Senac Tubarão

Isabela, uma adolescente de dezesseis anos que não acredita em fantasmas ou lendas assustadoras, decide pesquisar uma história local para um trabalho de Língua Portuguesa. A lenda fala sobre Helena, uma jovem que desapareceu depois de entrevistar moradores antigos e ouvir uma voz misteriosa em suas gravações.

Durante uma entrevista com seu Anselmo, Isabela descobre que a voz aparecia nos áudios e dizia acontecimentos antes que eles ocorressem. Ao ouvir a gravação em casa, ela também escuta a voz pronunciando seu nome e avisando:

— Isabela, não faça o terceiro áudio.

Depois disso, novos arquivos começam a aparecer em seu celular, mesmo sem terem sido gravados por ela. As gravações preveem acontecimentos como a janela aberta, uma ligação às 22h17 e a chegada de alguém ao seu quarto. Ao pesquisar Helena, Isabela descobre que outros estudantes desapareceram depois de investigar as lendas da cidade.

Certa noite, uma garota idêntica a Isabela aparece em seu quarto e diz que ela está seguindo a história. Logo depois, Isabela desaparece, deixando apenas dois celulares e um caderno com o título “A voz que veio depois.”

Sua colega Manuela recebe um áudio enviado por um número desconhecido e também começa a ouvir a voz. Na biblioteca, encontra o antigo caderno de Helena, que contém uma lista de pessoas desaparecidas. Ao lado do nome de Manuela está escrito: “escolhida”.

O caderno explica que a voz é, na verdade, uma história que escolhe pessoas para continuar existindo. Aqueles que são escolhidos deixam de apenas contar a história e passam a fazer parte dela.

Manuela conhece Laura, outra garota que já ouviu a voz, e reencontra seu Anselmo. Ele confirma que Helena e outros estudantes foram presos na história. Para tentar interromper a maldição, Manuela escreve um novo final no caderno, afirmando que ninguém abriria a porta e que tudo terminaria naquela noite.

A estratégia funciona parcialmente. Isabela é libertada, mas avisa que apenas uma parte da história foi mudada. Depois, as duas entregam os arquivos à polícia e Manuela apaga as gravações.

Três semanas mais tarde, durante a apresentação do trabalho, um novo áudio aparece no celular de Manuela. O projetor exibe uma imagem da biblioteca com Helena ao fundo, segurando um gravador. Em seguida, a voz anuncia que a próxima estudante ainda não foi descoberta.

Uma aluna da sala levanta a mão. Manuela reconhece sua voz: é a mesma voz das gravações. A garota pergunta:

— Quem será entrevistado depois de mim?

Nesse instante, o projetor desliga e um telefone começa a tocar dentro da escola, mostrando que a lenda ainda não terminou.

A menina da estrada

Elâyne Gabrielly Silva Marinho
Senac Videira

Há muitos anos, em uma pequena cidade, existia uma estrada que ligava o centro a uma comunidade mais afastada. Durante o dia, muitas pessoas passavam por ali, mas, durante a noite, quase ninguém tinha coragem de andar naquela estrada.

Os moradores contavam que, há muito tempo, uma menina chamada Clara morava com sua mãe perto daquele lugar. Ela era conhecida por ser muito tranquila e sempre ajudava as pessoas da comunidade. Todos gostavam dela, principalmente as crianças.

Certa noite, Clara precisava ir até a casa de uma amiga que morava do outro lado da estrada. Sua mãe pediu para que ela não fosse, pois estava muito escuro e começava a chover. Mesmo assim, Clara disse que voltaria rapidamente e saiu de casa. Ela nunca voltou.

No dia seguinte, sua mãe começou a procurar pela filha com a ajuda dos moradores. Procuraram pelas casas próximas, pelas plantações e por toda a estrada, mas não encontraram nenhum sinal da menina. Depois de alguns dias, as buscas foram encerradas e Clara acabou sendo dada como desaparecida... O tempo passou, mas os moradores nunca esqueceram o que aconteceu.

Anos depois, começaram a surgir histórias estranhas sobre aquela estrada. Algumas pessoas diziam que, quando passavam por ali durante a noite, viam uma menina parada no acostamento, usando um vestido claro e segurando uma pequena lanterna.

No começo, ninguém acreditava. Até que um homem da cidade contou que estava voltando para casa de carro quando viu a menina no meio da estrada. Ele diminuiu a velocidade e perguntou se ela precisava de ajuda. A menina apenas apontou para o caminho e disse:

— Minha mãe está me esperando.

O homem ficou assustado, mas decidiu levá-la para casa. Quando chegou ao endereço que ela havia indicado, percebeu que a casa estava abandonada há muitos anos. Mesmo assim, ele bateu na porta.

Depois de alguns segundos, ouviu uma voz de mulher dizendo:

— Clara?

Assustado, ele olhou para o banco de trás do carro. A menina não estava mais lá.

No dia seguinte, ele contou o que havia acontecido para alguns moradores. Foi então que uma senhora reconheceu a descrição da menina e disse que ela parecia muito com Clara, a garota que havia desaparecido naquela estrada muitos anos antes. Depois disso, outras pessoas começaram a contar histórias parecidas. Algumas diziam ter visto a menina. Outras afirmavam ter ouvido uma voz chamando pelo nome de Clara. Também havia quem dissesse que, quando passava pelo local, o rádio do carro começava a falhar sem nenhuma explicação.

Com o passar dos anos, surgiu uma explicação para a lenda. Os moradores acreditavam que Clara ainda aparecia naquela estrada porque nunca conseguiu voltar para casa e queria encontrar sua mãe. Até hoje, existe uma história entre os moradores de que, quando alguém passa pela estrada em uma noite chuvosa e vê uma menina segurando uma lanterna, não deve parar para falar com ela.

Dizem que, se a pessoa parar, a menina vai perguntar:

— Você sabe onde fica minha casa?

E quem responder corre o risco de ouvir, durante todo o caminho de volta, uma voz no banco de trás dizendo baixinho:

— Minha mãe ainda está me esperando.

Por isso, quando a noite chega e começa a chover, os moradores preferem evitar aquela estrada. Ninguém sabe ao certo se Clara realmente aparece por lá ou se tudo não passa de uma história criada pelos moradores.

Mas uma coisa é certa, até hoje, algumas pessoas afirmam ver uma pequena luz andando sozinha pela estrada durante as noites de chuva.

A rua dos relógios parados

Melquisedeque Oceano Cardoso de Souza
Senac Videira

Na cidade onde o trânsito nunca para e os prédios escondem o céu, existe uma rua pequena que ninguém sabe explicar direito. Chamam-lhe Rua das Horas. Quem passa por lá, quase nunca fala sobre isso. Mas quem precisa, encontra.

Luan consertava relógios para viver. A loja era apertada, cheia de peças antigas e um cheiro de óleo e madeira velha que nunca saía. Um dia, uma senhora entrou. Não tinha nada de especial, apenas um xaile gasto e um relógio de bolso dourado na mão. Os ponteiros estavam parados às 23h17.

— Conserte-o; disse ela, baixo. Mas não o faça andar para a frente. Faça-o voltar.

Luan achou estranho, mas aceitou. Quando abriu a tampa, não havia engrenagens. Só uma sensação: o riso da mãe, o café que ela fazia à noite, a chuva naquela noite em que ele saiu zangado e nunca mais chegou a tempo de falar com ela.

De repente, a loja sumiu. Ele estava com 16 anos outra vez. Correu até à casa antiga. A porta estava entreaberta. Lá dentro, a mãe arrumava a cozinha. Viva. Como naquela noite.

Ele quis gritar. Mas ela não o viu. A rua não muda o passado. Só nos deixa estar lá, mais uma vez.

Ele ficou parado, no canto, e disse devagar:

— Fui um tolo. Sinto muito. Obrigado por tudo.

Só isso. Nada mais precisava.

No instante seguinte, estava de volta à loja. O relógio funcionava normalmente. A senhora tinha ido embora. Na bancada, um bilhete, escrito à mão, simples:

"O tempo não volta. Mas podemos ficar em paz com ele."

Ninguém acredita nele. Dizem que foi cansaço, que sonhou. Mas às vezes, à meia-noite e dezessete, Luan olha para a rua lá fora. E sabe: há caminhos que só aparecem quando o coração está pesado demais.

O tempo não conserta nada. Nós é que consertamos a nós mesmos, quando deixamos de lutar contra o que já foi.

O restaurante

Amanda Eduarda Scatolim
Senac Videira

Era uma sexta-feira qualquer. Começo de mês, quando recém tinha recebido meu salário. Vesti a roupa mais elegante que tinha e saí atrás de um restaurante para jantar. Sozinho mesmo. No local, senti que me faltava ar, como se o ar esquentasse meus pulmões. Pensei que era um choque térmico, pois fazia frio lá fora. Ignorei a situação, pois era tarde demais para sair. Sentei-me em uma mesa de canto, onde parecia estranhamente isolado pelos clientes, que me encaravam enquanto eu fingia olhar para o cardápio, com o canto dos olhos. Pedi o prato mais barato, ou “podrão”, como costumam chamar essas comidas de estrada simples. Lá não era assim tão chique. Mas certamente não pagaria tanto por um prato com duas fatias de queijo gorgonzola e uma fatia de goiabada.

Limpei o prato. Minha mãe me ensinou a ter educação com os garçons e fazer o favor de limpar a bagunça de pratos e talheres. Em um deslize, esbarrei na bisnaga de ketchup da casa, tingindo minha camisa branca. Levantei em direção ao banheiro quando me deparei com um monte de fitas e um aviso: “Interditado”. Perguntei ao barman por um lenço ou guardanapo, mas ele parecia não me ouvir. Não passou os olhos sobre mim nenhuma vez. Como se eu nem existisse. Pensei logo em colocar apenas uma estrela no iFood por péssimo atendimento. Fiquei com a camisa suja mesmo. Deixei a conta sobre a mesa e saí.

Do lado de fora, o frio pareceu ainda mais intenso. Irritado com o atendimento, caminhei alguns metros até perceber que havia esquecido minha carteira sobre a mesa. Nem paguei a conta. Se eu não saísse daquele lugar, com certeza explodiria para cima daquele barman. Voltei. A porta estava trancada. Olhei através do vidro. O restaurante continuava cheio. As pessoas conversavam, os garçons caminhavam entre as mesas e o barman, de expressão firme, permanecia atrás do balcão. Bati no vidro. Ninguém olhou.

Foi então que uma mulher, sentada perto da janela, levantou os olhos e me encarou. A primeira pessoa que dirigiu os olhos diretamente a mim. Seu rosto ficou na minha mente. Apontei para minha carteira, ainda sobre a mesa. Ela não respondeu. Apenas levou a mão à boca, num gesto que parecia esconder a emoção que deixava

transparecer. Não entendi. Bati novamente no vidro. Dessa vez, ela se levantou. Mas, antes que chegasse à porta, todas as luzes do restaurante se apagaram.

Sol no rosto. Foi a primeira sensação que senti. Abri os olhos e percebi que havia acordado em uma cama que não reconhecia. Havia um cheiro forte de desinfetante. Tentei me levantar, mas uma enfermeira entrou no quarto, fechou as cortinas brancas bloqueando o feixe de sol que passava pela janela, e pediu que eu permanecesse deitado.

— Onde estou? perguntei, mas minha voz parecia fraca, como se não falasse desde muito tempo.

Ela não respondeu imediatamente. Olhou para mim, depois para uma ficha que carregava.

—Você sabe que dia é hoje, Sr. Dalton?

— Hoje é dia 17, pois ontem à noite eu estive naquele restaurante da esquina, sabe? Era dia 16, respondi.

Ela franziu a testa e continuou me olhando.

— De que ano? perguntou.

Não respondi. Porque, pela primeira vez, percebi que não sabia.

Passei os dias seguintes naquele lugar. Não podia ter contato com familiares. Tudo que eu falava parecia sem sentido para eles, e tudo que perguntava ficava sem resposta. Recebia remédios sem saber para que serviam. Disseram que eu havia sido encontrado andando pela rua durante a madrugada. Sem documentos. Sem celular. Eu contei sobre o restaurante. Ninguém acreditou. Falaram que o endereço que passei atualmente era terreno de um depósito.

Na terceira noite, sonhei que estava novamente sentado naquela mesa. Meu prato estava diante de mim. Só que, dessa vez, quando levei o garfo à boca, percebi que não era comida. Acordei vomitando. Depois disso, fiquei doente. Os médicos disseram que era consequência do meu estado psicológico. Foi quando comecei a acreditar que talvez realmente estivesse enlouquecendo.

Até a mulher aparecer.

Ela entrou no hospital numa manhã chuvosa e perguntou por mim. Entrou no quarto e, quando me viu, ficou pálida.

— É ele.

A enfermeira perguntou:

— A senhora o conhece?

Ela demorou alguns segundos para responder.

— Conheço.

Aproximou-se da cama.

— Eu vi você ontem.

Eu a reconheci. O rosto que não pude esquecer. Era ela no restaurante.

—Onde? No restaurante? perguntei.

— Ontem à noite. Ela respondeu.

Eu ri.

— Isso não é possível. Eu estou aqui há dias.

Ela não respondeu. Apenas tirou uma fotografia da bolsa. Era uma fotografia. O mesmo balcão. As mesmas mesas. A mesma mulher. E, no canto da fotografia, sentado sozinho, estava eu. Usando a camisa branca manchada de ketchup. Olhei para a data escrita no verso. 1974.

Perguntei quem havia tirado aquela fotografia. A mulher não respondeu. Apenas olhou para mim e perguntou:

— Você deixou sua carteira lá? Não consegui responder. Porque, naquele instante, ouvi três batidas vindas de fora do quarto. De repente, só estávamos eu e ela naquele quarto branco, sem espelhos, sem objetos que eu pudesse me machucar. Juntei as peças na minha cabeça: eu estava internado em um hospício.

Toc. Toc. Toc.

A mulher olhou para a porta. Eu olhei para ela.

Nenhum de nós se mexeu.

Então alguém, do outro lado, disse:

— Sr. Dalton, o senhor esqueceu sua carteira. Sua conta ficou na mesa. Espero que deixe uma boa gorjeta para o garçom.